

UNILA - Universidade Federal de Integração Latino Americana
Instituto Latino-Americano de Artes, Cultura e História - ILAACH
Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana

Gabriel Pereira Gonçalves de Morais

ETNOGRAFIA NA PRAÇA:
Usos da Praça do Mercado Velho de
Diamantina - Minas Gerais

Foz do Iguaçu

2022

Gabriel Pereira Gonçalves de Moraes

ETNOGRAFIA NA PRAÇA:
Usos da Praça do Mercado Velho de
Diamantina - Minas Gerais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientadora: Dra. Danielle Michelle Moura de Araujo

Foz do Iguaçu

2022

GABRIEL PEREIRA GONÇALVES DE MORAIS

ETNOGRAFIA NA PRAÇA:
Usos da Praça do Mercado Velho de
Diamantina - Minas Gerais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Danielle Michelle Moura de Araujo - UNILA

Prof. Avaliadora: Dra. Regina Coeli Machado e Silva

Prof. Avaliador: Msc. Thiago Almeida Andrade Pinto

Foz do Iguaçu, ____ de dezembro de 2022

AGRADECIMENTOS

À Deus pela presença em todos os momentos;

À minha mãe Neide e ao meu pai Chico, que sempre me apoiaram em todos os momentos da minha vida;

Aos meus familiares e amigos pela torcida e pelo companheirismo;

Ao meu avô Américo, por sempre me incentivar no estudo da história;

À minha prima e amiga Ana Clara, por me abrigar no período de trabalho de campo em sua casa em Diamantina;

À minha orientadora Danielle pelo incentivo, disponibilidade e confiança;

Aos meus colegas da UNILA, por acreditarem em meu potencial e pelos bons momentos compartilhados;

À todas as pessoas que acreditam na universalidade pública e na pesquisa acadêmica como fonte de produção de conhecimento.

*“Na praça, há o murinho dos velhos
que vêem a juventude passar;
ele está sentado ao lado deles.
Os desejos agora são recordações”*

Cidades Invisíveis - Italo Calvino

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de descrever e analisar as práticas de sociabilidade durante o tempo livre na Praça do Mercado Velho em Diamantina, Minas Gerais. Inicialmente foi realizada uma revisão bibliográfica sobre os temas, bem como do conceito de praça enquanto espaço estimulador das relações sociais. Em concomitante, realizei um levantamento histórico sobre os usos da praça do Mercado, um levantamento físico da praça, de seus frequentadores e usos, bem como das atividades realizadas no lugar, através de uma etnografia. Para compreender como acontecem essas práticas, realizei uma observação participante onde, junto com meus interlocutores, dialoguei sobre as categorias ócio, tempo livre e lazer. A análise possibilitou perceber o entendimento local sobre os conceitos abordados, da relação existente entre as esferas do trabalho e do lazer, bem como da importância de espaços destinados a essas práticas de sociabilidade. Foi possível entender que os conceitos abordados não são categorias “puras”, bem delimitadas, pois caminham e reagem juntas ao conceito de trabalho.

Palavras-chave: lazer; praça; sociabilidade; tempo livre; ócio

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender y analizar las prácticas de sociabilidad durante el llamado tiempo libre en la Plaza del Mercado en Diamantina, en el distrito de Minas Gerais. Inicialmente, se realizó una revisión bibliográfica sobre los temas, así como sobre el concepto de plaza como espacio dinamizador de relaciones sociales. Además de la investigación etnográfica, también investigué la historia y los usos de la Plaza del Mercado. También realicé una sondaje física de la plaza, de sus visitantes y usos, así como de las actividades que se realizan en el lugar, a través de una etnografía. Para comprender cómo suceden estas prácticas, realicé una observación participante donde, junto con mis interlocutores, discutí las categorías ocio, tiempo libre y “lazer”. El análisis logró percibir la comprensión local de los conceptos abordados, de la relación existente entre las esferas del trabajo y el ocio, así como la importancia de espacios destinados a las prácticas de sociabilidad. Fue posible comprender que los conceptos abordados no son categorías “puras”, bien delimitadas, ya que caminan y reaccionan juntas al concepto de trabajo.

Palabras-clave: ocio; plaza; sociabilidad; tiempo libre

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 :	Localização de Diamantina MG	24
Figura 2 :	Vista aérea da praça	30
Figura 3 :	Foto do Mercado	31
Figura 4 :	Foto antiga do Mercado	32
Figura 5 :	Foto da praça	35
Figura 6 :	Foto jovens à tarde	36
Figura 7 :	Foto de sábado à tarde	39
Figura 8 :	Foto da feira de sábado	40
Figura 9 :	Foto da Festa de Santo Antônio	43
Figura 10 :	Foto do “pedaço” de sábado	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. SOBRE O ÓCIO, LAZER E TEMPO LIVRE	13
1.1 Conceito de ócio: uma abordagem histórica	13
1.2 O Tempo livre e o trabalho	16
2. AS PRAÇAS ENQUANTO LUGAR DE SOCIABILIDADE	19
3. FUNDAÇÃO DE DIAMANTINA	23
3.1 Arraial do Tejuco	23
3.2 Praça do Mercado	25
4. ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PRAÇA DO MERCADO	28
4.1 Metodologia de investigação	28
4.2 Estrutura física da praça	30
4.3 Frequentadores e usos	33
4.4 Eventos observados	38
5. ANÁLISE	44
5.1 Os conceitos de ócio, tempo livre e lazer na perspectiva nativa	44
5.2 Diversidade e acessibilidade	48
5.3 Trabalho e Lazer	49
5.4 O divertimento nos momentos de trabalho	52
5.5 Categorias em evidência: pedaço e mancha	53

5.6	Lazer: direito social e necessidade humana	58
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63

INTRODUÇÃO

Este estudo objetiva a compreensão das relações de sociabilidade com e no espaço público das nossas cidades, a esfera do cotidiano das pessoas e os usos destes espaços. Para alcançar esse objetivo farei uma análise sobre o lazer, o ócio e o tempo livre na Praça do Mercado Velho em Diamantina, no Estado de Minas Gerais. A observação dos momentos de descanso e de lazer, são a oportunidade de identificar como as pessoas estão construindo as interações e as relações no espaço público, lembrando que a economia não está desconectada da busca pelo lazer, evidenciada nas relações de consumo. Assim, é preciso pensar o espaço físico e o tempo livre como agentes ativos no processo interacional, sendo aglutinador ou repelidor de práticas de sociabilidade.

Me interessa como o ócio, o lazer e o tempo livre se fazem presentes na esfera pública, pois a observação das pessoas nestes espaços proporciona a possibilidade de descobrir como atua este “tempo” na vida relacional, pois é nesses momentos em que as pessoas se encontram mais “livres” para expressar suas escolhas e gostos, afastando da objetividade do universo do trabalho. A pertinência deste estudo está em ressaltar a importância dos espaços públicos destinados ao lazer (cada vez mais raros hoje em dia) pois estes vêm sendo desvalorizados em detrimento dos espaços privados que transformam o lazer em mercadoria, acessível apenas a uma parte da população.

A primeira parte deste estudo apresenta, de maneira breve, os conceitos de ócio, de tempo livre e de lazer dentro de uma perspectiva histórica do uso desses termos, investigando suas similaridades e diferenças. Através de teorias sobre o ócio, já consideradas clássicas, e a forma que esse termo é entendido, ora como potência política e ora como forma depreciativa. Posteriormente, é evidenciado o conceito de tempo livre e sua relação direta com o tempo do trabalho, levantando assim a problemática existente entre estes termos dicotômicos.

A segunda parte aborda o histórico de criação das praças em diferentes culturas e como este espaço é vivenciado atualmente, salientando sua potência enquanto lugar fecundo para exercício da sociabilidade.

A terceira parte contém um breve histórico da fundação da cidade de Diamantina, bem como da criação da Praça do Mercado, para compreender assim o contexto do lugar em que foi realizada a pesquisa de campo. A escolha desta praça partiu da relação afetiva que tenho com o lugar, sendo procurado por mim muitas vezes para a busca do lazer e da sociabilidade, além de representar um dos mais importantes pontos da cidade para quem deseja usufruir de um “lazer cultural”, histórico e turístico .

A quarta seção deste estudo apresenta os relatos e anotações da pesquisa etnográfica. Trata-se de um texto descritivo, sendo explicitado a metodologia aplicada, a estrutura espacial do local de estudo, descrição dos frequentadores e do uso que realizam da praça, e por fim a descrição de alguns eventos observados nesta pesquisa.

A quinta e última parte ficou reservada para a realização de uma análise da etnografia, no intuito de responder algumas perguntas e hipóteses levadas a campo e também para realizar uma reflexão sobrepondo os dados de campo e as teorias sobre o tema.

1. SOBRE O ÓCIO, LAZER E TEMPO LIVRE

1.1 Conceito de ócio: uma abordagem histórica

Apesar de estarem sendo empregados neste trabalho como sinônimos, os conceitos de ócio, tempo livre e lazer apresentam suas diferenças, cabendo aqui fazer uma breve diferenciação. O termo lazer está relacionado com atividades coletivas e recreativas, como as esportivas, os jogos, e também ao consumo. Desta forma, o lazer foi difundido como um tempo que “deveria ser preenchido com atividades recreativas consideradas saudáveis pelos segmentos hegemônicos” (GOMES, 2004, p.120). O termo tempo livre indica um tempo sendo o oposto do tempo do trabalho, ocupação, indicando a liberdade de qualquer tarefa. A compreensão do tempo livre “sempre esteve vinculada aos significados do trabalho (...) seu sentido principal prevalece sendo o de um tempo de não-trabalho” (GOMES, 2004, p.218). Já o conceito de ócio refere-se ao momento de “não fazer nada”, de descanso ou contemplação, e que pode ser realizado de forma individualizada, sendo independente de estímulos externos. É um termo histórico e que apresentou diversos significados ao longo do tempo, mas sob a lógica do trabalho capitalista lhes “são atribuídos valores como desordem, improdutividade, debilidade corporal e perda de tempo” (GOMES, 2004, p.169).

O entendimento desses conceitos é extremamente variável a depender dos contextos e grupos pesquisados, porém nesse estudo foi feita uma aproximação desses três conceitos na tentativa de evidenciar a importância desta instância na vida humana cotidiana.

O conceito de ócio, de maneira resumida, é comumente utilizado/aplicado/associado/descrito de forma depreciativa, como algo ruim ou pecaminoso, que afasta o ser humano de sua relação com Deus, visto que o trabalho é considerado algo virtuoso, lembrando aqui da discussão feita em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de Max Weber.

Ócio e prazer, não; só serve a ação, o agir conforme a vontade de Deus inequivocamente revelada a fim de aumentar sua glória. A

perda de tempo é, assim, o primeiro e em princípio o mais grave de todos os pecados. Nosso tempo de vida é infinitamente curto e precioso para “consolidar” a própria vocação. Perder tempo com sociabilidade, com “conversa mole”(…) é absolutamente condenável em termos morais. (WEBER, 2004, p.143)

Neste estudo, o autor evidencia que o desenvolvimento do capitalismo moderno só foi possível graças à adoção de uma conduta de vida protestante,, um *ethos* que expressava o ideal de ser humano digno, que deveria canalizar seu tempo para o trabalho a fim de gerar riquezas/capital/bens, sendo este um fim em si mesmo. Aquele que não faz uso de seu tempo para conseguir dinheiro está “perdendo tempo” e desmerecendo a vontade de Deus, e conseqüentemente indo contra a moral capitalista. Dentro deste pensamento, quem trabalha e progride materialmente possui evolução humana e espiritual, sendo a acumulação de bens o principal objetivo de vida, segundo o autor, e o tempo do ócio e o desemprego, em oposição/ por outro lado, são vistos como condutas preguiçosas opostas ao ideal do bom cristão.

Essa conduta ética originalmente burguesa passa a ser adotada também pela classe trabalhadora, não se sabendo até que ponto conscientemente. Com o desenvolver do trabalho dentro da economia capitalista há então a criação de uma norma, que Foucault irá denominar “poder disciplinar” objetivando o adestramento dos corpos dos indivíduos, através de uma técnica que fabrica e controla suas ações para que estas sejam dóceis e úteis em suas funções. As instituições sociais, sendo o meio laboral uma delas, passam então a operar como uma máquina de controle de comportamentos, através da vigilância de forma hierarquizada.

À medida que o aparelho de produção se torna mais importante e mais complexo, à medida que aumentam o número de operários e a divisão do trabalho, as tarefas de controle se fazem mais necessárias e mais difíceis. Vigiar torna-se então uma função definitiva, mas deve fazer parte integrante do processo de produção. (FOUCAULT, 1987, p.146)

Outra faceta do gerenciamento dos corpos dentro da economia capitalista refere-se ao chamado “exército de mão de obra reserva”, sendo uma parcela da população que se encontra desempregada, e que não pode optar por um trabalho fora do sistema, restando-lhe uma espera, um ócio forçado. O objetivo deste exército é impedir que os salários das pessoas que estão empregadas cresçam, pois sempre terá alguém que possa substituí-los por um preço mais baixo, possibilitando também uma maior acumulação por parte dos detentores de capital. Isso faz com que os desempregados se sintam humilhados e culpados, por não estarem contribuindo com a moral santa do trabalho.

Turino (2005) revisita este argumento à respeito do ócio imposto ao trabalhador, e que se trata na verdade de uma das engrenagens que objetiva uma maior acumulação de capital:

A função desta auto-imagem projetada é exatamente a de imobilizar o trabalhador desempregado, mantendo-o na mansidão de uma dócil espera por emprego. E quanto mais gente esperando por emprego, maior o contrapeso para impedir o aumento de salário ou das condições de trabalho ou lazer entre aqueles que ainda tem emprego. Essa é a função social do trabalhador levado ao ócio pelo desemprego: permitir uma maior acumulação do capital. (TURINO, 2005, p.43)

A discussão em torno de um direito ao ócio frente ao controle da economia do trabalho remonta aos primórdios da era industrial. Paul Lafargue (1880) publicou “O direito à preguiça”, obra que pode ser considerada um manifesto político, pois assim como o manifesto comunista de Marx e Engels, publicado em 1848, teve o caráter panfletário para atingir um maior número de pessoas, especialmente das classes trabalhadoras. Em seu texto, o autor já denunciava as excessivas cargas horárias e as péssimas condições dos trabalhadores da França no fim do século XIX, período de grandes transformações tecnológicas que afetaram os modos de vida, a produção, consumo e comunicação. Lafargue alerta, antes mesmo de Max Weber, sobre a santificação do trabalho, apontando-o como um “dogma desastroso” em que o proletário tem suas energias e alegrias sugadas ao máximo, enquanto enriquece a

burguesia e ele mesmo torna-se mais pobre. O autor critica a carga horária de doze horas diárias na fábrica, que era vista por muitos na época como uma conquista.

A medida que a máquina se aperfeiçoa e despacha o trabalho do homem com uma rapidez e uma precisão incessantemente crescentes, o operário, em vez de prolongar o seu repouso proporcionalmente, redobra de ardor, como se quisesse rivalizar com a máquina. (LAFARGUE, 1999, p.9)

Ele destaca que o desenvolvimento da tecnologia deveria tornar a vida do trabalhador mais fácil, visto que caberia às máquinas encurtar o tempo de produção humana, mas não é o que aconteceu nem acontece hoje, pois isso gerou um trabalho ainda mais excessivo e uma superprodução destinada muitas vezes ao desperdício. A lógica do capital é o de superprodução mesmo que esta mercadoria não tenha um devido destino, uma devida necessidade. O autor nos alerta também, para o que conhecemos hoje como “obsolescência programada” e “reprodutibilidade técnica”

1.2 O tempo livre e o trabalho

O conceito de “tempo” foi mais um elemento da vida humana tomado pela economia capitalista, uma vez que esta esfera passa a ser medida através da hora-relógio, e através do volume produzido. Segundo Padilha (2000), o sistema econômico ao qual estamos inseridos têm “o consumo de mercadorias como pilar de sustentação”, desta forma o tempo do lazer se transforma em tempo para consumir mercadorias. Assim, elimina-se o conceito de tempo realmente livre, pois este também está associado a lógica do capital e as normas sociais. O tempo livre é experienciado pelas pessoas de diferentes formas, cada qual realiza tal ação a partir de seu arcabouço cultural, sua classe social, seu local geográfico, sendo que para uns pode ser um momento de reflexão e *práxis*, enquanto para outros acontece como momento de alienação e consumismo. Apesar de exaltar a dimensão do ócio, não acredito que este seja a “cura” para os males da alienação do trabalho, pois de

nada adiantaria esta prática sem uma consciência política que permita utilizar deste intervalo de forma autônoma ou menos dependente das normas do capital, como bem esclarece Gomes (2012), em seu livro “Horizontes latino-americanos do Lazer”:

Por isso, o lazer não pode ser visto como um antídoto para os problemas sociais, cujo objetivo seja simplesmente aliviar as tensões ou compensar os dilemas que marcam profundamente o mundo atual, mas sim como um dos elementos que possibilitam a construção de sociedades realmente solidárias e sustentáveis. (GOMES, 2012, p.85)

O que busco criticar aqui não é a esfera do trabalho em si, mas a forma que este se constituiu enquanto modo de produção dentro de uma economia datada e específica. A lógica a qual estamos inseridos toma todas as dimensões da nossa vida e as transforma em mercadoria, como o fazem com o descanso e o lazer, por exemplo. Acredito que o primeiro passo para diminuir essa dominação seria uma redução na jornada de trabalho sem a diminuição dos salários, algo que seria possível e viável de ser realizado sem perdas significativas para empregadores e empregados. O passo seguinte seria pensar como utilizar este tempo, havendo uma reeducação de cada pessoa para lidar melhor com esta ocasião, uma espécie de redescobrimto de si, voltando sua atenção para seu corpo, sua saúde, sexualidade, seus prazeres, suas aspirações, etc. Essa discussão pelo direito à redução da jornada de trabalho é uma pauta que se estende por décadas, como mostra o seguinte trecho do livro “O elogio ao Ócio” , publicado pela primeira vez em 1935, em que o autor expõe sua ideia de vida equilibrada entre o trabalho e as demais necessidades físicas e mentais humanas:

Quatro horas diárias de trabalho deveriam ser suficientes para dar às pessoas o direito de satisfazer as necessidades básicas e os confortos elementares da vida, e que o resto de seu tempo deveria ser usado da maneira que lhes parecesse mais adequada. Uma condição fundamental(...) é que a educação ultrapasse as suas atuais fronteiras e adote como parte de seus objetivos o cultivo de aptidões que capacitem as pessoas a usar seu lazer de maneira inteligente. E não estou aqui pensando apenas em atividades supostamente “intelectualizadas”. (RUSSELL ,2002, p.33)

Além das possibilidades presentes nos momentos de ócio, a maioria das pessoas simplesmente não têm a opção de desfrutar deste tempo, visto que precisam estar ocupadas com o trabalho para se manterem na vida da cidade. Desta forma este período pode ser entendido também enquanto privilégio dos detentores dos meios de produção, que apenas gerenciam o trabalho alheio de muitos. Totalmente classificados e cronometrados, os momentos de lazer também são contabilizados através da hora-relógio, existindo uma brecha na semana para isso e não no momento em que se deseja. Os momentos de reflexão (que aparentemente não realizam nenhuma função) são uma importante ferramenta para a consciência política, individual e coletiva. Por isso também o ócio é mal visto, como se perder tempo fosse um mal a ser combatido, e a hiperprodutividade como a melhor conduta.

O ócio necessita recuperar seu sentido de qualidade, tanto na prática diária como no imaginário coletivo, que vê ainda quem se recusa ao excesso de trabalho como “preguiçoso” ou quem “não gosta de trabalhar”. Muitas narrativas foram criadas em torno do mito de origem da “nação” brasileira, tendo a preguiça como um fator inserido na cultura. A meu ver, o melhor exemplo que representa esta narrativa é a da personagem de Macunaíma, contida nos escritos de Mário de Andrade, pois sintetiza e produz a completa subversão das contradições inscritas nas obras de literatura que buscaram o mito da construção da sociedade brasileira.

O caráter de Macunaíma é não ter caráter, e ele se constitui assim como portador de todas as contradições possíveis, se estabelecendo como a figura do anti-herói brasileiro. A preguiça contida na personagem que em alguns momentos aparece enquanto um valor negativo, se transforma em ferramenta de reflexão e posterior tomada de decisões de Macunaíma no decorrer da narrativa. É nos momentos de ócio que ele encontra as soluções de seus conflitos.

Macunaíma consegue transformar os preconceitos e moralismos atribuídos ao conceito do ócio, possibilitando assim uma valorização da preguiça enquanto caráter positivo, fazendo a cisão também das concepções capitalistas, como o excesso do tempo de trabalho e da busca pela acumulação de bens. A personagem principal do romance preza pela preguiça como fator primordial de sua existência, e realiza

trabalhos descomunais durante a narrativa para ter seu bem estar garantido. O grande vilão da história pode ser comparado aos grandes empresários capitalistas, que tentam usurpar tudo e todos para a obtenção do lucro, da acumulação. O herói sem caráter luta a todo instante contra essa ameaça, pois deseja garantir a preservação da sua cultura e de seu modo de vida, que encontra na preguiça a única forma de manter sua liberdade frente à uma dominação que lhe impõe valores diferentes dos seus. Por isso penso que a figura de macunaíma representa a valorização do ócio e da cultura nacional frente aos estrangeirismos dogmáticos e preconceituosos que tentam desqualificar sua recusa ao trabalho dentro das normas capitalistas.

No capítulo a seguir, é apresentado um breve histórico a respeito das praças e suas representações ao longo do tempo, desejo desta forma mostrar a potência desses espaços enquanto *locus* para o exercício da sociabilidade e para justificar também minha escolha deste local para realizar minha observação de campo.

2. AS PRAÇAS ENQUANTO LUGAR DE SOCIABILIDADE

Historicamente as praças públicas representam um lugar fecundo e de excelência para o exercício das trocas e interações coletivas de determinados grupos, construindo assim a política do cotidiano. Em todas as culturas e grupos humanos, desde as mais antigas até a contemporaneidade, sempre existiu um espaço que se aproxima do que hoje denominamos “praça”, servindo este para as mais diversas funções como: festas, cerimônias, lutas políticas, religiosas e comercialização de mercadorias, representando assim o centro da vida social na cidade. Nas aldeias indígenas brasileiras, de um modo geral, as construções habitacionais (casas, malocas) são feitas de forma ortogonal possibilitando que no centro exista uma área comum, uma espécie de praça onde são realizadas as festas, cerimônias, rituais religiosos, etc.

Na sociedade grega, as praças eram denominadas *ágoras* e apresentavam suas funções relacionadas ao comércio e à prática política em assembleias. No período romano foram chamadas de *fórum* e representavam o poder da cidade,

sendo cercada pelos edifícios de maior representatividade. No período medieval receberam o nome de praças, e eram diferenciadas segundo suas atribuições, funcionando para a população como um local de certa liberdade das pressões da igreja e do exército, utilizando-se das linguagens e dinâmicas corporais não-oficiais para celebrarem festas, como o carnaval, e também as trocas sociais nos momentos de feira. No período renascentista passaram a ter um grande apreço no traçado urbano, sendo projetadas por arquitetos da época, que buscavam representar uma natureza organizada e simétrica (SOUZA; OLIVEIRA, 2010).

Dando agora um salto temporal para o movimento modernista do século XX, que surgiu com um novo ideário de concepção urbana na tentativa de romper com o passado clássico, pensavam o planejamento urbano de forma setorizada em que cada parte teria sua tarefa distinta: locais destinados exclusivamente ao trabalho, a moradia, ao lazer e a circulação, em que o automóvel assumiria lugar de destaque interconectando estas partes. Os autores explicam a seguir que a criação do conceito de lazer implicou na modificação dos espaços das praças:

É na categoria do lazer que se insere as praças modernas, que abre mão dos comércios e mercados existentes nas praças clássicas, medievais e renascentistas, e propõe uma reformulação significativa nesse espaço. A praça moderna inclui em seu programa espaços mais dedicados ao lazer e ao divertimento, para isso são inseridos quadras poliesportivas, playgrounds, pistas de caminhada, espaços para o lazer cultural. (SOUZA, OLIVEIRA, 2010, p.6)

Com a instauração dos preceitos modernistas, constatou-se que a setorização dos espaços para cada funcionalidade específica não fazia bem para a dinâmica social no meio urbano, a perceber pelo caótico fluxo de automóveis particulares na cidade gerando uma condição de vida insalubre devido à poluição do ar e sonora, o aumento da temperatura nas cidades, a prática pedestre tornando-se arriscada, entre outros fatores. O pensamento pós-moderno sugere então que os espaços urbanos sejam os mais diversos possíveis e tenham uma multiplicidade de usos e funções, para que o habitante não precisasse percorrer vários pontos da cidade para atender as suas necessidades diárias. Desta forma, a praça na concepção do pós-modernismo mantém os equipamentos de lazer e traz de volta o

comércio e o mercado, integrando-os novamente ao ambiente de forma multifuncional e adaptável, podendo ter as mais variadas utilidades.

Uma problemática enfrentada pelos espaços públicos de maneira geral nas últimas décadas do século XX foi a consolidação da gestão neoliberal do território, que pensa a cidade enquanto mercadoria a ser vendida, baseando-se na produtividade, eficiência e utilidade das coisas no âmbito privado e individualista. Desse modo, houve um enfraquecimento do Estado enquanto gestor desta esfera (visto agora como ineficiente) e a sistemática criação de ambientes privatizados para a realização de qualquer atividade, abarcando também o lazer e o tempo livre.

Assim foram instaurados *shoppings centers*, clubes e parques privativos que criam bolhas de contato social e por vezes enfraquecidos, já que as trocas não são tão diversas como as que acontecem externamente. Cria-se a narrativa de que o espaço público é inseguro, violento e despreparado, gerando assim nas pessoas um sentimento de não pertencimento atrelado ao medo de estarem nesses lugares. Segundo Lorena Figueiredo e Gabriela Freitas, autoras do artigo “O lugar de encontro nas praças públicas do Distrito Federal”:

As circunstâncias de abandono e sucateamento das praças públicas contrastam com os lugares iluminados, confortáveis e seguros, associados ao imaginário dos ambientes privados. Como trazer de volta a sensação de pertencimento a todos e todas em um espaço público? Como sair destas zonas padronizadas apresentadas por estes espaços privados e compor uma produção de espaço singular das praças públicas? (FIGUEIREDO, FREITAS, 2021, p. 140)

Há, portanto, uma supervalorização dos espaços privados quando se busca ócio e recreação, prezando uma coletividade seletiva, quando o assunto é a obtenção da “cultura” e do lazer. Este tipo de comportamento acaba por desconsiderar por completo a troca que um espaço público pode despertar, evita-se o encontro com o Outro, preferindo realizar suas atividades (trabalho, lazer, circulação, educação, sociabilidade) em locais particulares e monitorados, convivendo apenas com seus “iguais”. A partir dessa discussão, esse estudo buscou eleger as praças como objeto de análise, pois são as representantes da sociabilidade por excelência. A escolha partiu do desejo de estar em contato com

uma multiplicidade de pessoas, visto que as praças não são simples locais públicos, representam um emaranhado de teias de significados de mensuração e análise complexas.

Enquanto um corpo que também é afetado, a praça pode nos conduzir a novos/outros modos de ser e estar no convívio social. Apesar do sucateamento e abandono dos espaços públicos, do ócio individualizado permeado pela tecnologia, e pelo sentimento de violência de algumas pessoas em estarem na rua, a praça ainda funciona como potente local de convívio e trocas sociais, servindo para o descanso e lazer. Há um movimento atual de resgate desses lugares como *locus* de sociabilidade, ação política e como afirmação da diversidade e das identidades culturais. Para Rolnik (2000) o lazer realizado em espaço público pode funcionar enquanto instrumento para combater a segregação:

Para melhorar o espaço público há necessidade de uma política antiexclusão, o que significa organizar a heterogeneidade, não fugir dela. Significa organizar, defender e fomentar a convivência entre pessoas diferentes, diminuindo a segregação e as distâncias sociais (...) voltando à idéia de lazer, acredito que um lazer encarnado na cidade, identificado na sua dimensão pública, é um grande instrumento antiexclusão. (ROLNIK, 2000)

A potência desses espaços reside também em seu caráter público, e significa que todas as pessoas têm a possibilidade de frequentar, gerando uma democratização radical do lugar e das relações. É na praça que encontramos os iguais, os que compartilham dos mesmos signos e significados, mas também do encontro com o Outro, aquele que se diferencia totalmente de mim e que consegue mostrar quem sou a partir da alteridade, sendo portanto um lugar que deveria ser isento de barreiras, tanto físicas como imaginárias. As praças são acessíveis a todos os cidadãos (em teoria?) e fortalecem o uso emancipatório do tempo livre (contrapondo a lógica do lazer consumo), caracterizando-se como lugares privilegiados para o desenvolvimento da cultura e da política.

O lazer necessita ser reconhecido como parte integrante da dimensão cultural, funcionando como um instrumento para a reflexão política/pedagógica, em que o ócio possa ser verdadeiramente um tempo livre, e não mais um espaço da

vida tomado pelo entretenimento e consumo capitalista. A partir dessa discussão entendemos a emergência de uma política pública voltada ao lazer, em que instâncias municipais e federais se mobilizem para a criação e o incentivo de espaços que salvaguardem estas práticas sociais.

A escolha da praça do Mercado para a realização da pesquisa de campo se deu primeiramente por um entendimento daquele espaço enquanto um símbolo da busca pelo lazer e diversão na cidade de Diamantina. É um lugar reconhecido regionalmente para quem busca atrações ligadas à cultura, ao artesanato local, à musicalidade, à religiosidade, dentre outros, e que recebe forte incentivo dos setores municipais e estaduais para se firmar enquanto espaço para a realização das práticas de lazer.

Naturalmente outras praças da cidade, assim como as demais praças do país, apresentam características e apropriações de uso próprias que marcam sua relação com o seu entorno. Gostaria que todas essas praças espalhadas pela cidade recebessem a mesma atenção e cuidado que se percebe no manejo da Praça do Mercado Velho, pois o incentivo e a manutenção desses lugares é de suma importância para que ocorram atividades e apropriações das mais diversas possíveis, e com uma maior frequência. No capítulo a seguir é apresentado um breve histórico da cidade de Diamantina bem como da criação da praça do mercado, que será objeto de investigação deste trabalho.

3. FUNDAÇÃO DE DIAMANTINA

3.1 Arraial do Tejuco

A origem do Arraial do Tejuco se relaciona ao processo de exploração colonial sobre o território do Alto do Vale Jequitinhonha, que começou a atrair garimpeiros no início do século XVIII, levando à sua fundação em 1713. Durante as buscas por ouro, alguns garimpeiros encontraram jazidas de diamantes, que eram exploradas de forma clandestina inicialmente, inclusive pela coroa portuguesa, sendo oficialmente reconhecida em 1729. Em seu início a exploração das jazidas era

realizada de forma particular, através da expropriação do trabalho de pessoas escravizadas, em que os interessados pagavam taxas à coroa. Ocorreu em 1734 a demarcação do Distrito Diamantino e a criação da Intendência dos diamantes, com o objetivo de melhor controlar, por parte do governo lusitano, a extração dos diamantes. Apesar do crescimento regional, o vilarejo permaneceu enquanto distrito de Vila do Príncipe (atual Serro) até 1819, quando se eleva à condição de município. Tal fato se explica pelo interesse da coroa em manter seu domínio sobre o local na virada do século XVIII para o XIX, pois o Tejuco representava a terceira maior população da capitania de Minas Gerais.

A análise da cidade de Diamantina, sobre uma perspectiva histórica das práticas de lazer, sugere, assim como outras cidades históricas da América Latina, que as práticas de lazer, até então exercidas pelas elites coloniais, refletiam aquilo que se fazia na Europa, como um modelo a ser seguido. Segundo Santos (1978), na segunda metade do século XIX, o Arraial do Tijuco foi marcado por banquetes, peças de teatros, concertos, bailes entre outras práticas de lazer entre os segmentos privilegiados. Cabe lembrar que nessa época a população do local era composta em sua maioria por pessoas escravizadas.

Figura 1 :Localização de Diamantina MG



Fonte: wikipedia.org, 2022

3.2 Praça do Mercado

A praça Barão de Guaicuí, mais conhecida como “Praça do Mercado Velho”, era chamada antigamente de Largo da Cavalhada Nova (“largo” era o nome comumente dado ao que chamamos hoje de praças no interior de Minas, que consistia geralmente em um campo aberto de terra batida, sem interferências de construções) e que funcionava como uma das intendências da cidade. Estes espaços eram destinados a receber as tropas de comerciantes carregados com diversos tipos de mercadorias para o abastecimento da população local. Estes produtos eram expostos para a venda nesses locais, em que comerciantes e consumidores negociavam diretamente com os tropeiros, que tinham que pagar impostos às autoridades municipais para poderem comercializar. Até a década de 1880 havia três grandes intendências em Diamantina, sendo a Intendência do Lage (atual Mercado Velho), o ponto mais movimentado para o comércio de mantimentos. Cabe salientar aqui a importância destas intendências e ranchos no comércio de mercadorias em todo território das Minas Gerais, tendo a figura do tropeiro como representante das relações comerciais da época.

A construção do edifício na intendência foi uma iniciativa particular do tenente Joaquim Casimiro Lage, que em 1835 mandou construir o prédio que serviria para sua moradia e também como ponto de apoio para que os tropeiros pudessem (além de comercializar suas mercadorias) terem um espaço para o preparo de seus alimentos, dormir e descansar. Os tropeiros permaneciam pouco tempo nas intendências, apenas o suficiente para venderem suas cargas e comprarem as mercadorias encomendadas destinadas a outras localidades. A situação no Mercado se agravou na década de 1870 devido a grande crise na mineração, provocando uma retração na renda regional. A população passou então a criticar a forma como funcionava o comércio de mantimentos de primeira necessidade e a exigir da Câmara Municipal medidas para evitar a ação dos atacadistas da cidade. Apesar das reivindicações populares, apenas no ano de 1890 foi instituído o Mercado Municipal, com a compra do edifício da intendência do Lage por parte do município.

Uma vez comprada pela Câmara de Diamantina, o velho edifício do Largo da Cavahada Nova passou a abrigar a Intendência Municipal, dotada do monopólio do abastecimento, visando combater os atravessadores. A intenção dos camaristas era a de que os gêneros de primeira necessidade convergissem para o Mercado e lá ficassem expostos durante um dia, antes do arremate dos comerciantes. (MARTINS, 2010, p.162)

Dentre as medidas estabelecidas pela Câmara Municipal para o funcionamento do mercado, destaca-se a garantia do abastecimento regular com mercadorias a preços modestos, favorecendo o varejo dos mantimentos, privilegiando os consumidores de menor renda, sendo essa a forma que o município encontrou para enfrentar as tradicionais práticas especulativas dos grandes comerciantes locais. Mesmo com as medidas legais instituídas, a ação dos negociantes prosseguiu e os ranchos em outras partes da cidade continuaram recebendo cargas de muitas tropas, que de certa forma fugiam da cobrança de impostos no Mercado Municipal. Houve resistência por parte dos tropeiros em descarregar suas mercadorias no mercado, pois eles se sentiam lesionados pela cobrança de impostos, pois gerava um impacto negativo em seus lucros. Houve então um endurecimento das normas por parte do município, objetivando regulamentar, fiscalizar e punir os desvios praticados pelos comerciantes, e mesmo com os problemas quanto ao funcionamento do mercado na virada do século XIX para o XX este se tornou o espaço mais movimentado do comércio da cidade e o ponto mais importante de compra e venda das mercadorias de primeira necessidade, tais como: rapadura, fumo, algodão, café, farinha de milho e mandioca, ovos, frango, carne seca, toucinho, arroz, feijão, aguardente, frutas, legumes, hortaliças, etc.

Segundo o relato de Martins (2010), o movimento no mercado iniciava às cinco horas da manhã e se estendia até por volta das seis horas da tarde. As ruas do entorno ficavam cheias de animais, os quais deveriam ser amarrados nos esteios para carga ou descarga, sendo levados no fim da tarde para os pastos na periferia da cidade. Os balaios e as mercadorias eram empilhados distantes entre si, formando assim vários “quartos” no interior do edifício, em que cada grupo tomava seu canto. Nesses “quartos” faziam uma pequena fogueira para o preparo do café e

das refeições de almoço e jantar, os “tocadores” (tinham à função de organizar as mercadorias) e os donos de pequenas tropas dormiam no recinto, estendendo os couros em meio às cargas e se cobriam com o que tinham, já os tropeiros com melhores condições dormiam em pensões na cidade.

Para a comercialização de mantimentos eram empregadas medidas e balanças próprias do Mercado, que também eram utilizadas nos demais comércios da cidade. As mercadorias vendidas a varejo para os moradores eram pagas à vista com moedas, já às vendas por atacado aos comerciantes da cidade eram feitas à crédito com o prazo de seis ou nove meses em até um ano.

No início do século XX o comércio no Mercado contribuiu significativamente na composição das rendas da população da cidade, sendo que no decorrer dos anos 1930, os impostos arrecadados naquele espaço chegaram a representar um terço da renda anual do município. Interessante observar este fato pois nesse período ocorria a industrialização do país, porém a prática de caravanas de tropas continuou atuando até à década de 1950, interligando uma série de municípios da região do Vale do Jequitinhonha, demonstrando uma continuidade deste antigo sistema de circulação e troca de bens.

Com a chegada das ferrovias o tropeirismo se manteve ativo, modificando apenas suas rotas de busca de mercadorias, que nesse momento eram as estações. O fator decisivo para o desaparecimento das tropas de comércio foi a introdução dos caminhões no final dos anos 1940, e que teve um impacto negativo no comércio do Mercado Municipal, já que as casas comerciais da cidade recebiam os mantimentos diretamente das entregas de caminhões. Desta forma o mercado como feira de trocas e comércio foi gradativamente abandonado ao longo dos anos 1950 e 1960.

Através da breve narrativa sobre a história do mercado, é possível perceber que este espaço se encontra muito além da sua função de comércio de mantimentos, se estabelecendo como um ponto de trocas socioculturais e lugar propício ao encontro. Após ter sofrido um significativo esvaziamento a partir da segunda metade do século XX por conta da mudança nas formas de abastecimento, realizadas agora pelas rodovias, o Mercado ressurgiu na atualidade como um lugar de pertencimento tradicional, onde se busca exercer uma identidade sociocultural.

4. ESTUDO ETNOGRÁFICO DA PRAÇA DO MERCADO

4.1 Metodologia de investigação

Para a realização da pesquisa etnográfica algumas questões me vieram à mente no intuito de me preparar para tal ação, que me levaram a pensar sobre a existência de uma “postura de pesquisador” e de quais seriam as ferramentas adequadas para a investigação proposta. A começar pelas ações de observar e escutar que aparentemente podem parecer triviais, porém são de grande importância para o ofício da etnografia, visto que o olhar e o ouvir devem ser preparados para se obter o saber antropológico desejado, desta forma procurei de antemão aplicar esses instrumentos ao invés de interrogar as pessoas. Procurei dentro de uma escuta atenta perceber as pré-noções ou classificações feitas pelos usuários da praça, no intuito de não induzi-los através das minhas categorias de pesquisa, e também para não receber respostas que seriam o espelho das minhas expectativas.

O objetivo principal desta pesquisa foi identificar as dinâmicas e trocas sociais cotidianas relacionadas às atividades de lazer/ócio/tempo livre que acontecem na Praça do Mercado em Diamantina, e como os usuários utilizam este espaço. Além das pessoas que estavam ali com este intuito, procurei observar também as que buscavam este lugar com o objetivo de exercer algum tipo de labor, para assim tentar entender de que forma estes dois polos (trabalho x tempo livre) se contrastam e às vezes se mesclam num mesmo espaço/tempo. Procurei observar se alguma das atividades de lazer/ócio estavam vinculadas ao consumo enquanto mercadoria.

Atentei para a estrutura física da praça e do Mercado (bem como as estruturas efêmeras como as barracas em dias de feira) para verificar como os usuários interagem com essas estruturas, e de que maneira o lugar atrai ou repele seus possíveis usos. Por fim, investiguei como estas ações estão acontecendo após o período pandêmico (em que passamos por limitações de interação física e de locomoção), e como o corpo se encontra inserido novamente no contexto externo relacional.

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de abril e junho de 2022, em dias e horários dos mais variados possíveis, na tentativa de identificar as mudanças de usos e dos frequentadores da praça. Realizei a coleta de informações nesse período a partir de observações, anotações no diário de campo, conversas, entrevistas e registros fotográficos dentro de uma metodologia qualitativa. As entrevistas foram realizadas todas no espaço da praça, enquanto fazia minhas observações. A maioria das entrevistas foram realizadas com mulheres, de diferentes idades e classes sociais, fato que só fui descobrir ao fim do trabalho de campo. Acredito que isso se deve a minha maior facilidade de estabelecer um diálogo com mulheres, sendo uma característica pessoal que transparece em campo. Minha motivação em pesquisar sobre a praça do Mercado deve-se ao fato do local estar inserido no principal circuito de atividades socioculturais e econômicas da cidade, visto que se encontra em seu centro histórico.

As entrevistas foram formuladas a partir de categorias que acreditei pertinentes para o estudo dos usos e frequentadores da praça. Foram feitos dois esquemas, sendo uma rápida e outra mais densa. As rápidas eram para ocasiões em que o fluxo de pessoas na praça era maior, ou quando elas tinham certa pressa para realizar suas atividades, ou ainda em momentos de festa e feira, em que não era possível ouvi-las sem interferência de outros sons. Para as entrevistas mais curtas estabeleci o seguinte: idade e gênero (me interessava saber, porém me pareceu indelicado perguntar, então isso era “deduzido” por mim, de forma a supor algo aproximadamente), bairro (para entender as dinâmicas de deslocamento), e qual era sua ocupação/trabalho, quando eu não conseguia supor. O segundo eixo era a pergunta sobre o uso: o que buscava ali? o que gostava de fazer naquele espaço? Qual é a sua história pessoal com essa praça e o mercado? para entender sobre os usos, gostos e relações afetivas com o local. O terceiro eixo era a pergunta sobre o tempo: qual dia da semana e horário frequenta/gosta de vir? por que? o que faz no tempo livre? Já as entrevistas mais longas foram realizadas como uma conversa, em que além das perguntas as pessoas me contavam de outras coisas de sua vida.

4.2 Estrutura física da praça

A praça apresenta um formato retangular sendo circundada por sobrados comerciais, apresentando em uma de suas extremidades o edifício do Mercado e no outro, três grandes árvores (ipês rosas) e os bancos de madeira (16 no total). A praça fica ao lado da Igreja Matriz da cidade. Nessa área da cidade se encontram os comércios como bares, lojas de artesanato, bancos, padaria, farmácia e também os principais museus e igrejas relacionadas ao patrimônio material. O comércio no entorno imediato da praça é bem diverso, sendo esses: duas agências bancárias, duas farmácias, dois restaurantes, duas lojas de calçados, duas lojas de roupas, uma loja de telefonia, uma padaria, um café, duas lanchonetes, uma lavanderia, uma casa de utilidades e dois bares. Todos eles operam em horário comercial, com exceção dos bares que também funcionam à noite e fins de semana.

Figura 2 : Vista aérea da praça



Fonte: google maps, 2022

O edifício do mercado (Figura 3), inserido na praça, compõe-se de duas salas, sendo que a do piso inferior abriga o Memorial do Tropeiro e do Ferreiro de Diamantina, recentemente inaugurado, e que conta com um acervo de peças e artefatos do período de presença tropeira. Em sua maioria instrumentos de madeira, ferro e couro. Sua idealização foi uma parceria entre a UFVJM e a Prefeitura de Diamantina, sendo um espaço que busca resgatar a memória tropeira e

salvaguardar as práticas e técnicas utilizadas nesses ofícios. Na sala superior funciona uma loja da ASSART, Associação de artesãos e arte da terra de Diamantina, que têm sua historicidade partindo do ano de 2003 e atua como uma importante organização cooperativa para a fabricação e difusão do artesanato popular da região, representando uma fonte de renda importante para os associados. Há artesãos representantes de várias cidades/distritos da região, e o artista recebe o valor integral das peças vendidas, Ambas salas foram cedidas pela prefeitura, e há também um banheiro público no piso inferior.

Além das salas o mercado é composto por um grande espaço aberto, no qual acontecem os eventos. Nessa área encontra-se um telefone público, lixeiras, diversas bancas para a exposição de mercadorias (que funcionam como módulos para os dias de feira). Há também algumas cadeiras de madeira (além de ser usual entre os visitantes assentarem-se nas escadas internas). Este espaço fica aberto o tempo todo, mesmo quando não acontecem eventos. Há também uma população de pássaros que vivem por entre a estrutura de madeira do telhado, que fazem ali seu ninho, por isso em muitos momentos se escuta o som de suas “conversas”.

Figura 3 : Foto do Mercado



Fonte: Gabriel Morais, 2022

A construção é composta por um pavimento, de formato retangular e toda estruturada em madeira. Ocupa uma quadra, sendo circundada por três vias públicas que correspondem às suas outras fachadas, apresenta o fechamento das salas em alvenaria de tijolos, e as demais são abertas em arcadas de madeira que se repetem no espaço interno, dando sustentação ao telhado. O piso das salas é confeccionado em tábuas de madeira, e o pátio interno composto por blocos de pedra. A fachada voltada para a praça apresenta grande área pavimentada de pedras (piso este redescoberto em uma das reformas da praça) onde os tropeiros amarravam os burrinhos em esteios de madeira, ainda hoje presentes na paisagem. o piso externo possui acabamento em blocos de pedras, sendo uma área aberta com canteiros de jardim próximo aos bancos de madeira e as árvores, há também a presença de lixeiras.

Figura 4 : Foto antiga do Mercado



Fonte: Cartilha informativa Memorial do tropeiro, 2021.

4.3 Frequentadores e usos

Ao permanecer no espaço interno do Mercado durante os dias de observação, me peguei imaginando como seriam as dinâmicas e ocupações dos chamados “quartos” do período tropeiro, pois este recinto funcionava como um híbrido para dormir, descansar, preparar e comer refeições, ponto de comércio, e que possivelmente operava como área de interação, lazer e divertimento. Penso também nas diversas modificações e ocupações que o mercado recebeu ao longo do tempo, sendo o edifício resultante da cultura tropeira e que assim como a linguagem é dinâmica e se transforma.

Antes de realizar a observação de campo, tinha a pré-noção de que a praça não era tão frequentada por pessoas que moravam em bairros distantes do centro, devido não a distância, mas ao forte desnível geográfico existente na cidade. Desta forma o acesso através do deslocamento de pedestres não se realiza de maneira tão simples. Imaginei que isso poderia ser um fator de segregação socioespacial, dividindo a cidade entre alta x baixa, parte central x periférica. Essa segregação de fato existe, porém pude constatar o uso e apropriação deste espaço por uma parcela de moradores de diversos bairros da cidade, mostrando que o local não é frequentado apenas por turistas ou pelos residentes do centro, o que pode ser uma análise superficial.

As pessoas vêm de diversos bairros para realizar suas atividades na praça, seja ela descanso, passagem, ir à shows, às feiras, ou ao trabalho, etc. Lembro aqui de uma das primeiras entrevistas que fiz com três mulheres, com idade entre 30 à 40 anos, que conversavam entre si sentadas em um dos bancos, numa quarta feira por volta das 14h. Elas me contaram que moram em um bairro relativamente distante dali, e que gostavam de frequentar devido aos bancos na sombra, onde podiam “jogar conversa fora”, descansar e às vezes tomar um sorvete. Elas estavam em horário de almoço e achavam melhor permanecer pelo centro nesse intervalo do trabalho ao invés de irem almoçar em casa, por isso frequentavam a praça mais nos dias de semana, preferindo nos fins de semana descansar em suas residências. Apenas uma delas me disse que as vezes gosta de vir na feira aos sábados.

Outra observação foi de uma mulher jovem, por volta de 20 e poucos anos, que estava no banco mexendo no celular e que depois de um certo tempo entrou em uma das farmácias que fica em frente a praça, provavelmente ela também estava no intervalo do almoço.

Assim como essas mulheres, acredito que muitas pessoas fazem este uso do local, servindo para descanso, socialização, espera, e um momento de não-tarefa, diferentemente do ambiente do trabalho, em que se supõe uma certa atenção para com a função. Os períodos de intervalo são de extrema importância pois funcionam como um respiro em meio a carga horária diária, que normalmente é de oito horas (a meu ver em excesso). Ainda mais proveitoso é esta ocasião quando desfrutada em um ambiente aberto, não-formal, cercado por árvores, bem iluminado e com boa sombra, o que torna a praça um lugar potente para combater a fadiga que por vezes se passa em um espaço laboral.

Descobri que a praça é muito utilizada enquanto local de espera, das mais variadas formas possíveis. Conversei com uma mulher e seu filho que se sentaram ao meu lado nos bancos do espaço interno do Mercado, e que como disse, pareciam estar esperando. Perguntei se ela gostava de frequentar o mercado nos dias de festa e feira, e ela me surpreendeu dizendo que nunca tinha ido ali em dias de evento, que eram de uma cidade da região, mas que já tinha ouvido falar dessas festas. Seja a espera de um transporte, de uma pessoa, de uma encomenda, de qualquer forma o espaço da praça é um local agradável e tranquilo para realizar tal ato.

Figura 5 : Foto da Praça

Fonte: Gabriel Morais, 2022

Por estar na região central da cidade, a praça do mercado é extremamente utilizada como local de passagem e para acesso do comércio em seu entorno. Observei várias vezes as cenas de pessoas sentadas nos bancos ou calçadas esperando outra pessoa que vêm resolver algo em algum estabelecimento, seja algum banco, padaria, farmácia, etc. Os horários de maior fluxo de pedestres é próximo ao horário de almoço e no fim do expediente, por volta das 18 horas, em dias de semana. Acredito que por este motivo (o fluxo de pessoas) o local também funcione para a consulta da opinião pública. Durante alguns dias pude notar a presença de um casal com uma tenda, uma mesa e duas cadeiras na parte central da praça, e que estavam ali para colher a opinião das pessoas sobre o comércio local, uma espécie de premiação anual para os melhores comerciantes em diferentes categorias.

Outro uso deste espaço que presenciei mais de uma vez foram de pessoas tirando fotos na praça com o mercado de fundo, como um cenário. Por ser um prédio histórico, a vinda de turistas, ou até mesmo moradores, que vão ali para conhecer ou tirar fotos é bem recorrente, pois se trata de um importante ponto turístico da cidade. A frequência de homens idosos também foi constante nas observações, que frequentavam na parte da manhã e à tarde, permaneciam sentados nos bancos observando o movimento e às vezes conversando com alguém. A presença de

mulheres idosas também se fazia, porém enquanto passagem ou em momentos de festa e feira.

Um ponto que me chamou à atenção na observação foi a presença constante de diversos grupos de jovens reunidos na praça, em média de 3 a 5 pessoas, e com idade entre 17 e 22 anos, e pude notar que alguns grupos eram de secundaristas pelo fato de estarem uniformizados (Figura 6). Era mais comum vê-los no fim da manhã e na parte da tarde, durante os dias de semana, e que possivelmente se encontravam ali depois do período de aulas, na maioria das vezes estavam sentados nos bancos conversando e sorrindo.

Percebi também muitas mulheres e casais com crianças, que sempre estavam brincando ali, seja de pique pega, andando de bicicleta, etc. A seguir cito uma transcrição direta do caderno de campo, que mostra essa multiplicidade de usos: *“Agora, já no espaço da praça, o movimento nos bancos é diverso. Há um grupo de jovens secundaristas homens conversando e tomando refrigerante, há um senhor ao lado observando a rua, uma senhora com seu filho jovem, um casal com sua filha pequena comendo algo que compraram na padaria, um homem e uma mulher jovens conversando.”*

Figura 6 : Foto jovens à tarde



Fonte: Gabriel Morais, 2022

Com relação aos diferentes usos e frequentadores do lugar, percebi que nos finais de semana o movimento na praça é mais intenso, tanto pelos usuários como

pelos comerciantes, e que às ações ali se aproximam mais do conceito de lazer, como assistir uma música ao vivo, beber com amigos, passear com a família, crianças em brinquedos como pula-pula e escorregador inflável, encontrar amigas(os) e socializar de uma maneira geral.

Nos dias de semana, quando não se têm nenhum evento, a praça funciona mais para as atividades de descanso/contemplação, intervalo do trabalho, como lugar de passagem e de espera, e para encontro de pequenos grupos para socializarem, em sua maioria jovens que deviam estar ali pela proximidade ao local de estudo. Eram momentos em que a praça tinha um fluxo tranquilo de pessoas.

Fica difícil saber quando esse território começou a se tornar um local de encontro, talvez pelo próprio exercício da sociabilidade o lugar tenha se transformado em praça pública. pelo histórico abordado anteriormente compreende-se que esta área sempre teve sua função atrelada ao comércio do mercado, se estabelecendo como ponto de intercâmbio de produtos, mas não só isso, antes sendo a troca de saberes e afetos que tecem a dinâmica social.

O lugar de fato existe por si só, mas ganha vida somente através das relações, apropriações e usos que ali acontecem, são as pessoas e os grupos que criam no imaginário simbólico as características atribuídas ao espaço. cabe pontuar aqui uma das discussões feitas por Michel de Certeau, em seu livro “A invenção do cotidiano”, em que autor estabelece uma diferenciação entre o espaço e o lugar, dizendo que “o espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada” logo, “o espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 1998, p.202). desta forma, as práticas exercidas no lugar criam diferentes espacialidades, e que seja pela sua frequência ou intensidade, podem vir a ser materializadas no lugar de forma fixa, como é o caso do Mercado e da praça, que só foram criados e concretizados na paisagem à partir das espacialidades ali tecidas pelos seus habitantes. Dando sequência ao argumento do autor, ele vai dizer que o relato não só descreve o que vê, apresenta também o poder de criação. A ação de relatar é “fundadora de espaços (...) onde os relatos desaparecem, existe perda de espaço” (CERTEAU, 1998, p.209), nesse sentido, a narrativa tem o poder de criar e demarcar espacialidades.

4.4 Eventos observados

O Edifício do Mercado e a Praça funcionam como um palco para diversas atrações culturais que acontecem ao longo de todo ano. De modo geral, em quase todos os finais de semana há programação para diversos gostos e idades. Se as observações tivessem sido feitas ao longo de um ano inúmeras seriam os eventos narrados aqui em que se poderia ter uma ideia melhor da magnitude que este espaço proporciona enquanto local de encontro. O trabalho de campo foi ao longo de três meses, tempo que não deixa de ser rico para as observações, ainda porque foi este o momento de retorno das atividades de festa e feira, passado o período pandêmico mais severo.

A cidade em si “respira música”, como dizem por lá, e quase toda atividade de certa forma está relacionada à musicalidade. Nas noites de sexta-feira acontece o evento chamado “Sexta Nossa”, que sempre conta com uma atração musical ao vivo, vendas de artesanatos e comidas típicas da região. Presenciei o retorno, que estava suspenso no período de pandemia. Outra atividade que retornou foi a feira denominada “Quinta da Quitanda”, que acontece todas as tardes de quinta-feira, com comercialização de bolos, biscoitos e pães. No domingo acontece a feira “Arte e Mercado” com venda de artesanato regional.

Tive a oportunidade de acompanhar duas serestas, também conhecida como serenata, consiste num ato em grupo de caráter musical, em que as pessoas caminham pelas ruas da cidade, tocando instrumentos musicais (como violão, flauta) e cantando canções de cunho sentimental. É também um saber-fazer tradicional, presente na cultura imaterial, e que foi muito presente em diversas cidades mineiras e que em Diamantina ainda se preserva. Pude presenciar duas serestas no tempo de pesquisa, em que as pessoas se concentravam em algum lugar da cidade, (geralmente igrejas) e depois seguiam um curto percurso, finalizando no Mercado. Chegando lá, os músicos se encontravam com outros que já estavam ali, e assim tocaram por um tempo.

A feira de produtos hortifrutigranjeiros e artesanatos acontece nas manhãs de sábado, na área interna do mercado, sempre com música ao vivo, vendas de artesanatos, comidas típicas, bebidas e produtos agropecuários da região, há um

palco para as apresentações dos artistas locais, tudo isso no espaço interno do mercado. Cada banca é administrada por uma família (que recebe concessão da prefeitura para expor seus produtos), sendo essa uma característica de todos os expositores, havendo uma heterogeneidade entre homens e mulheres no comando das barracas. Ao conversar com alguns mercadores que vêm expor na feira, muitos citam o mercado enquanto “ponto de encontro” sendo esta uma categoria nativa empregada que pude observar. Este lugar se torna então um ponto de apoio, tanto para as pessoas da cidade como para as da zona rural.

Em dias de feira, assim como no mercado, a praça sempre fica cheia de frequentadores, além das barracas dos feirantes. Na praça é possível encontrar barracas de comida, cerveja artesanal, brinquedos infantis como: balões, pula-pula e algumas mesas com famílias e muitas crianças. Ana, uma estudante universitária e frequentadora da feira, conta que gosta de ir ao mercado nesse período pois sempre têm pessoas de diferentes bairros e cidades, e que os shows são sempre de graça e que variam no estilo musical, agradando a públicos diversos.

Figura 7 : Foto sábado à tarde



Fonte: Gabriel Morais, 2022

Entrevistei Dona Íris, que administra uma barraca de produtos rurais, e me contou que vêm todos os sábados no horário de 7:00 às 14:00, sendo que o

movimento para a venda acontece melhor na parte da manhã, e que quanto mais se aproxima do meio dia, começam a chegar os demais frequentadores para beber e ouvir música. Ela mora na comunidade de Cuiabá, no município de Gouveia. Sua ocupação nos dias de semana é cuidar da horta de maneira geral, desde o preparo do solo, o plantio, e a manutenção das leguminosas. Ela menciona que em seu tempo livre prefere descansar e ficar em casa. Para ela os momentos de feira são valiosos para conhecer pessoas, encontrar amigos e trocar conhecimento, que acaba funcionando para ela como um divertimento. Ela disse que fez novos amigos nos momentos de feira, além de poder reencontrar amigos de outros tempos.

Figura 8 : Foto da feira de sábado



Fonte: Gabriel Moraes, 2022

Já Nedina, que administra uma barraca de quitandas, me diz que vêm todos os sábados, para uso exclusivo da feira. Explica que o movimento para a feira é melhor na parte da manhã, quando vêm muitas famílias e pessoas interessadas nos produtos, e que por volta de meio dia, o público começa a ficar mais jovem, que buscam beber e escutar música. Ela e a mãe preparam as quitandas para vender (doces, pães, bolos, etc) no espaço do mercado, sendo que sua mãe sai pelas ruas para comercializar também. Nedina me conta que é técnica de enfermagem e que trabalha no hospital, com rotina “dia sim dia não”, e que aproveita seu tempo livre do

hospital para fazer as quitandas. Diz que queria ter mais tempo de dedicar-se às quitandas, para ter como uma profissão de fato, porém o emprego no hospital é um salário fixo, o que acaba gerando certa segurança. Para os expositores da feira é cobrado um aluguel das bancas, e que no período de pandemia tiveram que pagar mesmo sem utilizar, nesse período a divulgação dos produtos através da internet foi de grande importância para a comercialização, e que o salário do hospital foi importante para ajudar nas contas. Me conta que alguns feirantes não conseguiram voltar no período de abertura pós pandemia, como o vendedor de caldo de cana, e que agora havia algumas restrições para as bancas, não sendo mais possível por exemplo trazer quitutes para as pessoas provarem, sendo algo que ela fazia antes. Por fim ela me relata que os feirantes são proibidos em exporem na rua, e que apenas os floristas permanecem vendendo no espaço da praça.

Uma dessas floristas, chamada Adriana, moradora do bairro Bom Jesus, relata que vêm na praça de sexta à domingo, das 07:00 às 14:00 exclusivamente para o trabalho. Em seu tempo livre gosta de ir à praça com seus filhos, em seu próprio bairro. Gislene, que também comercializa flores ali, mora no bairro Bela Vista e vêm de sexta à domingo, e me explica que costuma frequentar a praça do mercado quando têm que resolver algo no centro.

A partir das observações e das conversas estabelecidas nos momentos da feira, pude constatar que tanto para os mercadores quanto para os frequentadores, a feira se constitui enquanto maior ponto de encontro de Diamantina, tanto para trocas sociais como comerciais. Para eles nenhum outro ponto comercial (como supermercados, lanchonetes) é tão importante quanto o mercado, pois ali se têm o tempo para conversar, bater papo, saber sobre a família, o que já não acontece em outros espaços comerciais. Desta forma o mercado funciona enquanto canal de comunicação entre alimentos e os frequentadores, que compõem assim uma identidade cultural do lugar, com suas memórias, vivências e afetos.

No dia 31 de maio, numa terça feira por volta das 14:00 horas notei que a praça estava sendo preparada para algum evento, pois visualizei dois homens instalando um varal de luzes, e outros dois com caixas e equipamentos de som, próximos a várias estruturas metálicas que pareciam ser para a montagem do palco. Escuto um dos homens encarregados de montar as barracas que haveria shows ali

a partir da quinta-feira, com quadrilha e barraquinhas com comidas típicas juninas. No espaço interno do Mercado, três mulheres confeccionavam varais de bandeirolas e uma delas me disse que aquela movimentação era para a festa de Santo Antônio, padroeiro da cidade, que aconteceria entre o dia 2 ao dia 13 de junho sempre após a missa. A festa foi uma iniciativa da paróquia, porém receberam também ajuda da prefeitura. Percebi que um dos homens próximos às caixas de som estava deitado ao lado do equipamento aproveitando a sombra para um descanso, porém pouco tempo depois se inicia a montagem da estrutura do palco, sendo três homens envolvidos. Nesse momento de organização/produção, várias pessoas trabalham na ornamentação e preparo da praça para receber o evento. As barracas, a decoração e o palco se mantiveram no espaço da praça durante todos os dias da festa.

Durante os dias da festa, o movimento no período noturno foi bastante intenso, se iniciando por volta das 19 horas, e aos poucos as pessoas começavam a povoar a praça, as barracas iniciavam o preparo das comidas/bebidas e a banda passava o som no palco. Os bares no entorno se encontravam abertos, e por volta das 20 horas a praça já se encontrava cheia. O público era composto por homens e mulheres (em sua maioria jovens), casais e muitas crianças, que brincavam no espaço em frente ao palco, havia pessoas idosas também, inclusive na venda de comidas nas barracas. Próximo aos bancos estavam duas mulheres que vendiam pipoca em um carrinho, e uma mulher que vendia balões e outros brinquedos. Os bancos estavam cheios quase o tempo todo (porém acontecia um movimento de rotatividade) em que as pessoas conversavam, bebiam, comiam, etc. Uma das ruas ao lado da praça foi fechada para o trânsito de veículos, então muitas pessoas ocupavam a rua e as calçadas para sentar-se, era onde estava localizada as barraquinhas da paróquia e também os carros de comida de outros vendedores.

Figura 9 : Festa de Santo Antônio

Fonte: Gabriel Morais, 2022

Fiz algumas entrevistas rápidas com mulheres de diferentes idades no tempo da festa, todas estavam sentadas no banco da praça, porém em dias distintos. Uma delas, que se chama Patricia, parecia ter entre 20 e 30 anos, estudante universitária da UFVJM e moradora do bairro da Palha me conta que gosta de vir à praça quando tem shows, e também para passear e ver o movimento de pessoas. Têm a memória de quando pequena vir à praça frequentar a feira do mercado de artesanato, acompanhada dos pais. Quando adolescente frequentava nos finais de semana e atualmente prefere vir à tarde e à noite, não importando o dia da semana, pois segundo ela, sempre têm algum movimento.

Já a Janici, 30 e poucos anos, moradora do bairro Rio Grande, me fala que frequenta a praça quando acontecem feiras e festas, e que prefere ir ali na parte da noite e no sábado, pois trabalha de manhã. Me conta que a primeira memória que têm da praça do mercado é de quando criança vir em dias de blocos de carnaval. Conversei também com a mulher que vendia brinquedos na praça, ela é moradora do bairro Rio Grande e tem 47 anos. Ela me conta que vende balões e brinquedos na praça, e que no momento essa é sua única fonte de renda. Me diz que virá todos os dias de festa de santo antônio, e que a feira de sábado de manhã é o melhor dia e horário, porque além de ser melhor para as vendas, ela gosta e sente prazer em vir.

5. ANÁLISE

5.1 Os conceitos de ócio, tempo livre e lazer na perspectiva nativa

A experiência em campo me possibilitou testar as hipóteses pré concebidas na reflexão teórica. Quando confrontados com o conceito de ócio no formato de perguntas, os usuários da praça em sua grande maioria entendem este nome relacionado à preguiça, não qualificando este enquanto uma ação positiva, mesmo muitos deles estando em momentos de descanso e contemplação, não enxergavam estas ações enquanto sinônimas do ócio. A maioria dos usuários com os quais abordei este conceito caracterizaram este enquanto um tempo de “não fazer nada”, que é diferente não só do tempo produtivo, mas também dos tempos de descanso, contemplação e autocuidado, seria um tempo que estaria “trabalhando” para uma depredação da própria pessoa. Acredito que essa concepção adquirida parte também do fator religioso destas pessoas, pois nossos (me incluindo aqui dentro da cultura mineira) valores morais ainda estão impregnados de equívocos advindos de dogmas religiosos, digo isso no contexto do país, mas evidenciando o caso de Diamantina, que assim como outras cidades de Minas Gerais é em sua grande maioria católica. Talvez por isso a concepção do ócio enquanto algo pecaminoso ainda ronde nosso inconsciente coletivo. Percebi também que os frequentadores entendem que esta esfera comportamental existe em cada uma das pessoas, porém por estar relacionada ao estrago de si mesmo, era relegada aos lugares mais íntimos, sendo particularmente evitada no espaço público.

A partir desta constatação podemos retornar ao debate teórico em torno do ócio levantado anteriormente, para confirmar que culturalmente (dentro do local pesquisado) o ócio é entendido de forma depreciativa, como apontam as teorias. De fato, este conceito não pôde ser aplicado no local pesquisado, dentro da concepção nativa. Esta foi uma das grandes divergências que aconteceram entre formulação teórica e pesquisa de campo, pois existe dentro da escrita acadêmica um entendimento do ócio enquanto uma ação positiva (e até mesmo política) que não pôde ser observada dentro do grupo pesquisado.

Abordando agora sobre a concepção local do conceito de tempo livre, compreendi que este termo é entendido de uma maneira mais positiva e abrangente do que o conceito de ócio. Ao introduzir o termo do tempo livre muitos foram os exemplos de atividades realizadas pelos usuários, tanto nos locais públicos como no ambiente doméstico, desta forma o conceito de tempo livre se apresenta como uma ampla possibilidade de ações e atividades realizadas das mais diferentes formas, as quais podem incluir o ócio. O que une todas estas ações é ser exatamente o contrário do tempo do trabalho e do labor, sendo o tempo livre qualquer tempo que não esteja sendo dedicado ao trabalho (percepção nativa, contrário da crítica a divisão dicotômica entre trabalho e tempo livre). Muitos foram os relatos do tempo livre exercido no ambiente privado, como exemplo o descanso e o sono, o entretenimento através das mídias digitais, o passeio próximo das residências, a realização das tarefas domésticas cotidianas (que sabemos ser também um trabalho, porém aqui as pessoas entendem este tempo como diferente do tempo de trabalho na sua concepção tradicional). Desta forma o tempo livre também se aproxima das atividades realizadas de forma individualizada e que não implicam necessariamente em uma atividade social.

Para os frequentadores da praça o conceito de tempo livre também se relaciona com as atividades e práticas sociais realizadas em ambiente público, se aproximando assim do entendimento de lazer. Quando perguntado sobre o tempo livre no espaço público, os frequentadores citaram diversos exemplos realizados na praça, como passear com as crianças, acessar algum comércio do entorno, sentar nos bancos e observar o movimento, frequentar os shows e feiras do mercado, encontrar com colegas de colégio, aproveitar o intervalo do trabalho, descansar enquanto se caminha pelo centro, como também os realizados na cidade de uma maneira geral, como fazer compras no supermercado, realizar atividades esportivas e caminhadas, resolver pendências burocráticas, pagar contas, visitar amigos e parentes, andar de bicicleta, frequentar os parques ecológicos da região, ir para uma das cachoeiras da cidade, dentre outras.

Desta forma é possível ver que o tempo livre é mais amplo, e significa tudo aquilo que o tempo do trabalho ou atividade para aquisição de renda lhes permite fazer. Estas duas esferas podem ser vistas quase como dicotômicas, e representam

momentos distintos bem marcados no pensamento nativo. Apesar de saber da existência de uma diversidade de atividades e ações que podem ser classificadas enquanto tempo de trabalho, acredito que o tempo livre possa apresentar uma diversidade de possibilidades ainda maior, pois são conceitos relacionados e interdependentes, e como veremos mais adiante, o trabalho também pode conter momentos de divertimento.

Passando agora para a concepção de lazer no entendimento da comunidade, foi possível perceber que esta não é tão abrangente como a categoria de tempo livre (na verdade, o lazer encontram-se dentro das muitas possibilidades de tempo livre, é uma faceta importante deste) e nem depreciativa como a categoria de ócio, na verdade o lazer é visto como uma ação positiva, que busca o bem estar de si. Para os usuários da praça lazer implica em uma aproveitamento ativo do tempo livre, em que realizam atividades sejam elas culturais, esportivas, recreativas, boêmias, etc. A praça estudada apresenta como vocação as atrações culturais, sendo cultivada nesse sentido ao longo de sua história, há algumas décadas o movimento das feiras voltou a acontecer e hoje é novamente um marco dentro do imaginário coletivo regional, e que funciona também como importante acontecimento turístico. No ambiente da praça foi possível perceber diversas ações que podem ser caracterizadas enquanto lazer segundo as falas dos usuários, como: encontrar amigos, ir à shows, festas e atrações culturais, passear com família, levar crianças nos brinquedos infláveis e andar de bicicleta, comprar produtos e passear pelas feiras, descansar/contemplar, e assim por diante.

De certo que muitas das atividades de lazer realizadas no local envolve a aquisição de mercadorias e consumo, através das barracas de produtos alimentícios e de artesanato, das barracas de chopp e comida que ficam ao redor da praça, do comércio do entorno (como bares, padarias, restaurantes) e também dos brinquedos infláveis presentes na praça nos dias de feira. Porém o consumo é um fator secundário, na verdade ele funciona como ligação entre os frequentadores e o lugar, pois as pessoas não vão àquele espaço apenas para comprar produtos, vão antes para desfrutarem do local, encontrar amigos e conhecidos, sendo a sociabilidade o fator mais marcante .

Por mais que a grande maioria dos usuários estão ali para estarem em grupos e se encontrarem com outras pessoas para socializar, pude perceber também frequentadores que estavam sozinhos, seja dentro do mercado na feira e no show, como na parte externa nos bancos. Ao conversar com essas pessoas, elas me contaram que o simples fato de sair de casa e sentar nos bancos da praça já se conformava enquanto um lazer, desfrutando assim da paisagem, da música, num momento contemplativo, por isso nem sempre o lazer implica em uma atividade de grupo. Lembrando também que o espaço da praça e do mercado são locais públicos, então não é necessário consumir nada para estar ali. Pude notar muitas pessoas que estavam ali para aproveitarem o movimento da praça, assistir os shows, sem um consumo propriamente dito.

Uma das hipóteses iniciais do meu trabalho era a de que o consumo acabava por sufocar o lazer gratuito nesses espaços, mas estando em campo percebi que o consumo funciona como uma ponte, que conecta os usuários ao lugar, buscando assim uma experiência mais agradável de permanência, o consumo neste contexto permite que as pessoas permaneçam por mais tempo naquele espaço. De toda forma, a praça ainda se contrapõe aos espaços de lazer pagos e privativos.

Outro fator observado por mim dentro da esfera do lazer foi o uso de celulares e smartphones nos momentos da praça. Antes da realização do trabalho de campo, eu tinha a pré-noção de que a interação através das plataformas digitais enfraquecia a troca social em praça pública. Após as observações pude constatar que, pelo menos no ambiente da praça e do mercado, a utilização dos celulares estava atrelada a experiência social do lugar, seja pelo registro do que se fazia ali ou por facilitar o encontro. Lembro-me de conversar com uma mulher que estava sentada no banco da praça, sozinha e olhando para o celular, e ela me disse que o telefone facilitava o encontro com suas amigas naquele local, e que servia como distração para os momentos em que se encontrava sozinha. De fato, se ela quisesse apenas utilizar seu aparelho não haveria necessidade de ter saído de casa e se deslocado até a praça, se estava ali era para experienciar o local e as pessoas de alguma forma. Não entrarei em detalhes sobre a experiência social perpassada pelos aparelhos, porém pude entender, mesmo que brevemente, de que os telefones funcionam no ambiente da praça enquanto conexão entre os frequentadores e o

local, algo parecido com o consumo, e que permite que se encontrem com maior facilidade e também para que permaneçam por mais tempo ali.

5.2 Diversidade e acessibilidade

O tempo em campo me possibilitou identificar certa diversidade no uso dos espaços da praça e do mercado, das ações realizadas ali, bem como a diferenciação entre os usos de fim de semana e dias de semana, as diferentes faixas etárias que circulavam ali, etc. Porém pude notar também a presença de nichos específicos de pessoas, em determinados horários e dias, como o caso da sexta feira à noite na área do mercado, que se nota a presença em sua maioria de casais na faixa etária 50 à 60 anos, classe média, em sua maioria pessoas brancas. Este evento como já disse, sempre é composto por bancas de comida, bebida e apresentações musicais, e me pareceu também um lugar frequentado por turistas.

Uma amiga me relatou que certa vez presenciou um homem sendo retirado do espaço do mercado quando acontecia este evento, que “aparentava” ser morador de rua. Então me pergunto até que ponto este local é de fato acessível, por mais que as portas do mercado estejam sempre abertas, não são todas as pessoas que se sentem confortáveis estando ali, ou até mesmo impossibilitadas de alguma forma, pois estes espaços de fronteira, ou marcadores do território sempre existem e por estas divisões serem linhas imaginárias não são todas as pessoas que conseguem percebê-la, assim como as relações o espaço também se revela hierarquizado, fragmentado, as vezes descontínuo.

Cabe lembrar que a praça e o mercado sofreram alterações ao longo da história e que hoje apresentam uma imagem construída por parte dos governantes locais como lugar de encontro, boemia e também para o turismo da cidade. Acredito que uma parcela da população não vê aquele espaço como local de pertencimento, e por isso acabam não frequentando. Mesmo nos dias de intenso movimento, como acontece na feira de sábado, é possível notar certo padrão dos frequentadores: pessoas jovens, em sua maioria universitários de classe média, ao passo que não percebi uma concreta ocupação deste local por moradores periféricos da cidade. Por isso penso que ao longo da história este espaço sofreu certa “higienização”, algo

infelizmente característico de espaços urbanos centrais. Foi apenas no evento da festa de Santo Antônio que presenciei um maior uso deste local por parte de moradores da periferia.

5.3 Trabalho e Lazer

Ao me aproximar das teorias sobre o tempo livre e depois poder observar a manifestação deste no espaço da praça do mercado, pude constatar que esta categoria anda sempre em conjunto com a categoria do trabalho, pois até em seu nome, o adjetivo “livre” refere-se ao momento de não trabalho, não obrigação. Porém cabe aqui realizar uma crítica à essa divisão dicotômica entre trabalho e tempo livre, entendimento este advindo das sociedades capitalistas, que a partir da revolução industrial passou a caracterizar o tempo do não-trabalho como tempo livre em que foram circunscritos neste as características de improdutividade, liberdade, prazer, lazer, dentre outras. As transformações nas relações laborais advindas das sociedades urbano industriais modificaram não só os âmbitos da economia, política, saúde e educação, mas também as relações de lazer, palavra esta criada dentro deste contexto do trabalho moderno, passando este a ser uma antítese do trabalho capitalista.

Conceber o lazer ou tempo livre como o contrário do trabalho, como se fez e faz comumente no mundo ocidental torna-se bastante problemática em nossas sociedades atuais, pois não consegue dar conta da complexas e dinâmicas dimensões da vida coletiva em diferentes âmbitos e contextos do século XXI, pois vivemos numa constante modificação das relações trabalhistas.

A oposição trabalho e lazer é cada vez mais paradoxal, pois, a flexibilização laboral (e, com ela, a precarização do trabalho), somada à gradativa divisão internacional do trabalho (...) e ao avanço tecnológico, que expandiu as fronteiras espaciais/temporais, já deixaram claro que os supostos limites entre ambos são cada vez mais tênues e difusos na vida social cotidiana. (GOMES, 2014 ,p.7)

Pude observar quão forte é a interação entre trabalho e tempo livre ao conversar com as administradoras das bancas da feira de sábado. Dona Isis por exemplo, passa a semana inteira em seu sítio cuidando da horta, deve encontrar no máximo um vizinho ou outro que passam por ali, mas o seu grande momento de sociabilidade e interação social se fazem no espaço do mercado, sendo que ao mesmo tempo que ela está trabalhando, está também se divertindo, conversando com amigos, escutando música, comendo algo, bebendo, etc. Por ser trabalhadora autônoma, ela tem certa liberdade de administrar seu tempo da forma que lhe convém, não há uma rigidez ou norma que lhe é imposta separando seu tempo de trabalho e de diversão. Não estou aqui romantizando o trabalho autônomo nem dizendo que este seja a saída para um tempo livre de qualidade, até porque muitos autônomos passam por inseguranças e por trabalhos precarizados, não conseguindo assim serem administradores de seu tempo, por isso um trabalho que apresente o mínimo de direitos trabalhistas nos dias de hoje já é positivo. Também não estou dizendo que seja uma rotina fácil para Dona Isis, e que ela não se submeta à horários e prazos, pois isso sempre acontece, mas a meu ver ela consegue no momento da feira realizar uma interessante simbiose entre o tempo de trabalho e do tempo livre.

Ao buscar uma visão global da situação do trabalho na América latina vemos uma série de problemas. Um deles é a grande massa de trabalhadores que trabalha no setor informal da economia: sem salário estável, nem proteção social, nem contrato de trabalho (...) Isso não acontece somente nas estruturas econômicas da chamada economia informal, está presente em empresas de todo porte, chegando a ser uma prática habitual, por exemplo, pela via da terceirização e subcontratação laboral. (GOMES,2012, p.114)

Falando sobre a seguridade que o trabalho proporciona, lembro aqui do relato de Nedina, que no período de pandemia se viu impossibilitada de realizar seu trabalho na feira, e que graças ao trabalho fixo no hospital não passou por necessidades. Aqui se observa a importância de um trabalho assalariado com direitos trabalhistas, fato básico que muitas vezes não está presente no trabalho autônomo, mais frágil e vulnerável às variações e inconstâncias da economia.

Nedina também realiza uma certa fusão entre o tempo de trabalho e o tempo livre, pois me contou que se pudesse viveria apenas da fabricação e venda das quitandas, que para ela é um passatempo em que encontra prazer e satisfação dentro de sua rotina, e também por ter sua mãe como companhia. Acredito que ela desenvolva muito bem suas atividades enquanto enfermeira, ajudando as pessoas, mas é no trabalho da quitanda que ela de fato se realiza, segundo seu próprio relato.

Outra esfera para a observação do tempo livre relacionado ao trabalho foi na festa junina de Santo Antônio, que aconteceu durante doze dias seguidos. Para que a festa acontecesse houve trabalho de inúmeras pessoas, desde o processo de montagem do palco, da ornamentação com luzes e bandeirolas, do preparo das barracas, da produção dos alimentos, caldos e bebidas, e também da venda em todos os dias na barraca, fora os vendedores e vendedoras que estavam ali desvinculados do trabalho da paróquia, compreendendo que para qualquer celebração e confraternização se necessita do trabalho, antes, durante e após realização.

Essa discussão sobre o trabalho enquanto uma mistura de gosto e necessidade, me fez lembrar da categoria empregada por Florence Weber (2009) em seu livro intitulado “Trabalho fora do trabalho”, em que a autora, que, a princípio tinha a intenção de observar as atividades de lazer e tempo livre, mas que em seu trabalho de campo identificou a existência da categoria nativa denominada “trabalho paralelo”. Sua pesquisa aconteceu em uma cidade que abrigava uma fábrica e a maioria de sua população trabalhava lá, no período de turnos. Quando não estavam na fábrica, essas pessoas realizavam atividades denominadas por eles mesmos de “trabalho paralelo” que consistia no uso de seu tempo livre das obrigações da fábrica.

O que constato, aqui, fora do trabalho na fábrica, é o contrário deste repouso vazio, economia de gestos e de energia: é o gasto de si, sem cálculo, físico. Os momentos passados fora da fábrica são utilizados ao máximo, em tempo integral: a organização material das festas, a utilização para si, livre, decidida de sua força de trabalho.(WEBER, 2009, p.156)

Essas atividades criam o espectro do trabalho enquanto gosto para realização, aproximando-o assim do lazer, eles entendiam que o trabalho na fábrica assegurava para eles um salário fixo e melhores condições trabalhistas que em outras fábricas da época (o estudo se passa no interior da França, na década de 80). O trabalho paralelo então era o que possibilitava suportar a fábrica, sem recusá-la ou substituí-la.

Entende-se que a categoria do tempo livre é mais abrangente e vasta do que a categoria de lazer, e até mesmo do ócio. No caso, o lazer seria uma subcategoria pertencente à esfera do tempo livre, como bem salienta Norbert Elias (1992), em seu livro “A busca da excitação”, que as atividades realizadas no tempo livre apresentam uma enorme diversidade, tais como: o descanso/repouso, o trabalho privado voltado às questões do lar, o provimento das necessidades biológicas, a sociabilidade, e por fim as atividades miméticas ou jogo, a qual se enquadraria as atividades de lazer.

A tipologia mostra, de forma muito nítida, que uma parte considerável do nosso tempo livre não se pode identificar com o lazer. Só por esta razão, a polarização do lazer e do trabalho na sua forma tradicional é inadequada. (ELIAS, 1992, p.110).

O autor explica que nas sociedades ocidentalizadas a maioria das pessoas em seu tempo livre realizam atividades de trabalho, muitas vezes sem remuneração, e que só uma parcela deste “tempo” pode ser voltada às atividades ditas de lazer, no sentido de uma ocupação escolhida livremente e não remunerada, e que seja antes de tudo agradável para si mesmo. Ele também vai dizer sobre o efeito “mimético” e do “entusiasmo” presentes na maior parte das atividades de lazer.

5.4 O divertimento nos momentos de trabalho

Boa parte das minhas observações e entrevistas se dedicou a perceber de que forma o lazer poderia estar presente nos momentos de trabalho das pessoas que exerciam tal função na praça. Quando perguntado às pessoas que trabalham no

ambiente da praça se elas sentiam que exerciam algum lazer dentro daquele tempo permanecido ali, a maioria responderam que estavam ali exclusivamente à trabalho, fazendo assim uma separação bem delimitada das categorias, como mencionado anteriormente, entre tempo de trabalho e tempo livre. Percebi então que deveria usar uma palavra sinônima de lazer e que fosse mais próxima da realidade e do entendimento dos usuários sobre que ponto eu queria tocar, passei então a perguntar se eles sentiam algum tipo de divertimento nos momentos em que estavam na praça trabalhando, e agora as respostas já foram diferentes. Após insistir em perguntar se haveria ali algum período do trabalho em que elas/eles se divertiam, muitos disseram que o movimento e a música na praça era agradável e os fazia sentir satisfação, bem como estar ao ar livre pois para muitos aquele era o único período da semana que estas pessoas frequentavam estes espaços de lazer e turismo do centro da cidade.

Através das minhas observações pude constatar que os vendedores da praça e da feira do mercado conversam entre si e com os frequentadores (aqui não com o intuito em vender suas mercadorias necessariamente, mas para socializar sobre diversos assuntos) consomem bebidas, comidas e produtos de outros vendedores, desfrutam dos shows e do movimento no mercado, etc. De fato, seus momentos de trabalho são perpassados por instâncias que mais se enquadram no conceito de lazer, evidenciando a existência de certa simbiose entre estas duas esferas, contrariando assim a sua rígida separação no âmbito teórico. Segundo o relato de um dos vendedores, ter seu trabalho vinculado a um espaço de lazer torna seu ofício mais prazeroso, "dá pra conversar com os conhecidos, tomar uma, escutar uma boa música". É possível perceber então que o tempo de trabalho na praça não é nada monótono, muito pelo contrário, pode ser estimulante, dinâmico e recreativo.

5.5 Categorias em evidência: pedaço e mancha

A observação de campo realizada na praça do mercado proporcionou a constatação de variadas formas de lazer, seja nas festas religiosas, nos eventos musicais, nos momentos de feira, ou o simples encontro em grupo nos bancos da

praça, que se vinculam ao modo de vida e às tradições desta população. Pude entender que essas dinâmicas do uso do tempo livre iam muito além do descanso dos momentos de trabalho, representavam formas de encontro e diversão que buscavam exercitar ou restabelecer o pertencimento à essa rede de sociabilidade.

Um dos meus objetivos iniciais da pesquisa era o de poder encontrar no lugar observado a presença de categorias advindas do trabalho teórico do antropólogo Guilherme Magnani, que dentro dos estudos em antropologia urbana lida com a temática dos espaços de lazer. O autor evidencia que é possível adaptar as categorias para outras realidades investigadas, então observei se essas fariam sentido no contexto de Diamantina. As categorias em questão são a de *mancha* e *pedaço*, as quais irei esboçar suas características a seguir e relacioná-las com o espaço da praça.

Pude constatar que a praça do Mercado (e seu entorno, em especial o Beco do Mota e a Rua da quitanda) pode ser enquadrada na categoria de *mancha*, pois cumpre todos os quesitos necessários para a existência desta no espaço urbano. Vejamos, as características de uma *mancha* indicam “um espaço fixo e bem delimitado na paisagem, se tratando de um ponto de referência para usuários diversificados em um espaço contínuo, dotado de equipamentos voltados à prática daquela mancha específica” (MAGNANI, 2002, p.23). Logo, todos estes aspectos se aplicam ao espaço da praça e de seu entorno pois ele é composto por um complexo de bares, restaurantes, lojas de artesanato que configuram uma presença fixa e constante na paisagem, seus usuários apresentam uma alta diversidade, sendo composta por moradores de todas as faixas etárias, universitários e turistas. Sobre o conceito, o autor acrescenta:

São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina, etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades (MAGNANI, 1996, p.19)

A Rua da Quitanda e o Beco do Mota são ruas conectadas à praça do mercado, e que apresentam esses equipamentos voltados ao “lazer cultural”, visto que os frequentadores circulam por entre estes espaços ao longo de todo o dia, por exemplo. Há uma grande mobilidade dos frequentadores ao longo desta *mancha*, sendo que acontecem atrações às vezes simultâneas nestes espaços. Tal fato me levou a nomeá-la como “mancha de lazer do centro” composta por uma linha contínua imaginária circundando estes lugares. Achei pertinente fazer essa aproximação com a categoria pois muitos informantes mencionaram esta região enquanto ponto de encontro para a sociabilidade, se mostrando assim enquanto uma *mancha* consolidada na paisagem histórica e cultural da cidade.

Todo lugar que se conforma enquanto *mancha* abriga diferentes *pedaços*, composta por um grupo de pessoas que se movimenta com certa fluidez por este espaço, enquanto a *mancha* implica em uma materialidade fixa no território, visivelmente demarcada, o *pedaço* se comporta enquanto fluxo e movimento pelo território, que pode ser constante ou efêmero, mas nunca fixo, baseado antes de tudo, na presença. Magnani (1996) define o *pedaço* como “lugares que grupos se encontram para exercer sua sociabilidade” e que supõe: uma referência espacial (*mancha*), a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento. O *pedaço* implica também numa certa intimidade exercida pelo grupo no espaço urbano, como se características do espaço privado, da casa, fossem transportadas para o espaço público.

A feira nas manhãs de sábado, por exemplo, se apresenta como *pedaço* já tradicionalmente conhecido na cidade, pois é caracterizada por sua referência espacial delimitada pelo interior do mercado, a presença regular de seus frequentadores e os códigos referentes à dinâmica social. Mesmo que os usuários ali não se conheçam, eles compartilham das dinâmicas de sociabilidade daquele espaço, logo estão inseridos através dos códigos que o ambiente da feira sugere.

Os frequentadores não necessariamente se conheciam (...) mas sim se reconheciam como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes. (MAGNANI, 2002, p.22)

Desta forma o mercado é composto pelo grupo de frequentadores da feira e posteriormente, pelo grupo de jovens universitários que frequentam a praça no sábado à tarde para beber e socializar. Aqui já se configura uma outra dinâmica na praça, pois este “pedaço universitário” é composto por diferentes grupos, mas que ali se encontram e mesmo não conhecendo os demais integrantes, se reconhecem pela busca por diversão e relaxamento no fim da tarde de sábado.

Porém, outros *pedaços* nem sempre são algo facilmente notado e demarcado como é o acontecimento da feira e dos jovens universitários. O *pedaço* pode ser também composto por grupos menores e mais fluidos no espaço, de forma que sua referência espacial acaba sendo também “andante”. Com isso o *pedaço* não pressupõe algo fixo no lugar, seu caráter dinâmico pode fazer com que estes grupos migrem de lugar dentro de uma *mancha* ou do espaço urbano, levando consigo suas dinâmicas e códigos. Desta forma, é possível observar diversos *pedaços* dentro de uma mesma *mancha*.

Este é o caso do *pedaço* que identifiquei como dos jovens instrumentistas, que circulam por essa *mancha* de lazer do centro, apresentando esta característica mais fluida no espaço. Diamantina é uma cidade que mantém essa virtuosidade musical, por isso é muito comum observar músicos, em sua maioria jovens, circularem por este espaço durante os fins de semana com seus instrumentos. Tive a oportunidade de conhecer e conversar com alguns e descobri que sempre que podem, eles carregam consigo o respectivo instrumento musical, pois nunca se sabe quando um grupo irá se formar de forma espontânea para fazer música pelas ruas da cidade. Isso acontece de forma mais constante dentro dos limites do Beco do Mota, que já é reconhecido como um espaço de música popular. Logo, a maioria desses artistas se conhecem, alguns inclusive formam duplas ou trios para apresentações, mas nunca de forma fixa.

Houve um dia durante o período das observações bastante significativo no sentido de evidenciar a interconexão destes espaços na forma de *mancha*, e também para perceber os *pedaços* que ali circulavam. Foi em um dia de sábado, momento em que a praça recebe o maior movimento e fluxo de pessoas durante a semana. O dia começou com o movimento da feira, que contava com uma

apresentação musical formada por um trio de jovens instrumentistas, já na parte da tarde outro grupo musical se apresentava em um dos bares de frente para a praça. No início da noite ocorreu o tradicional evento musical denominado Vesperata, que se trata de um concerto, a céu aberto, realizado na Rua da Quitanda, em que os músicos tocam nas sacadas dos casarões que fazem parte desta rua, sendo um costume que se mantém até os dias atuais, um evento que atrai visitantes e músicos de diversas regiões. Após a Vesperata o movimento retornou ao Beco do Mota, e dois dos músicos que estavam tocando no mercado na parte da manhã, estavam agora se apresentando em um dos bares do beco. Outros instrumentistas que passavam por ali, também pegaram seus instrumentos e participaram daquele show aberto. Foi interessante observar todo este fluxo de encontros musicais, que muitas vezes se dava de maneira espontânea naquele espaço.

Falando agora sobre o *pedaço* identificado durante os dias da semana, sem nenhuma atração formal na praça, referente aos grupos de alunos de ensino médio que se encontram com certa frequência durante a parte da tarde nos bancos da praça (Figura 6). Nesta ocasião fica evidente o fator de intimidade que os estudantes transpõe para o espaço público. Ao conversar com eles descobri que o lugar acaba sendo importante para o encontro do grupo, pois a escola fica relativamente perto da praça, então acaba sendo mais fácil se encontrarem ali. Disseram que se sentem muito confortáveis ali (o que é fácil de perceber também através da observação) para se expressarem e interagirem entre si. Um deles me disse: *“aqui dá pra ouvir música que a gente gosta sem problemas, conversar sobre qualquer assunto”*. Imagino que este seja então o tempo de diversão e relaxamento que geralmente acontece nos espaços de intervalo das escolas, mas que ali na praça ainda recebe uma certa “liberdade” a mais para a interação.

Não pude deixar de pensar também na existência de outros *pedaços* espalhados por outros pontos da cidade, pois acredito que todo bairro apresenta seus pontos de encontro, podendo assim existir inúmeros pedaços nos bairros periféricos da cidade, onde os diversos grupos ali se encontrem.

Figura 10 : Foto do “pedaço” de sábado



Fonte: Gabriel Morais, 2022

5.6 Lazer: direito social e necessidade humana

O tempo em campo me ajudou a perceber a importância da esfera do lazer na vida cotidiana, tanto mentalmente como fisicamente para a aquisição de um bem estar e também da conquista de uma cidadania. O lazer não pode mais ser visto como um privilégio das classes mais abastadas, como querem pregar os empreendimentos e equipamentos de lazer privativos, pautados na venda e no lucro, em que se cria bolhas de convívio entre “iguais” que pouco têm a acrescentar para uma sociabilidade plena que preze pelo contato com os mais diferentes grupos sociais. O lazer no espaço público necessita de fato ser revitalizado e estimulado tanto pelo poder público como pela sociedade no geral. Fico feliz em constatar que essa vida social pública acontece plenamente no espaço da praça do Mercado em Diamantina, e que é um motivo de orgulho tanto dos cidadãos como dos governantes da cidade, como evidenciado por Gomes (2012):

O lazer necessita ser compreendido e reconhecido como uma necessidade humana e como uma dimensão da cultura, dois aspectos que estão interrelacionados. Dessa maneira, os povos e sociedades que compõem a região latino-americana constroem e significam suas práticas culturais, que são vividas como desfrute da

cultura e da vida social em suas próprias temporalidades. (GOMES, 2012, p.80)

O estudo da antropologia me permitiu descobrir sociedades e grupos em que o tempo e as atividades de seus cotidianos se organizam e seguem lógicas diferentes das sociedades ocidentalizadas, isso foi fundamental para o estudo do lazer, pois a maioria das teorias sobre o tema prezam as sociedades européias ou norte-americanas, e quando o fazem em contextos latino-americanos acabam por focar nas grandes cidades. Como exemplo, as pessoas que pesquisam as grandes cidades brasileiras constataam a existência de um espaço público enfraquecido, vide a epidemia dos condomínios que sequestram todas as instâncias da vida na cidade, sendo o lazer uma delas. No contexto da minha pesquisa, apesar de ser uma cidade de pequeno para médio porte, Diamantina ainda guarda inúmeras formas de convívio e trocas sociais pertencentes ao universo das sociedades rurais, como pôde se constatar nesse relato.

Percebi o quão importante e crucial é um espaço adequado para a realização das mais diversas formas de lazer. A praça do mercado provavelmente é a mais famosa da cidade, então o poder público (que assim como toda gestão têm o poder moldar os usos naquele espaço, de forma que sejam previstos) apresenta certo cuidado especial com o lugar, que recebe atrações culturais quase que diariamente. Porém pude perceber nas minhas andanças pela cidade a conformação de outras praças bem como a vocação de cada uma. Há praças dedicadas à prática do lazer esportivo, outras apresentam equipamentos de academia ao ar livre, outras com brinquedos fixos de playground, etc. Percebi também praças em bairros periféricos da cidade, que infelizmente não apresentam tanto cuidado como as praças centrais, mas que não deixam de ser utilizadas das mais diversas formas pela população. Por isso a necessidade de que as praças periféricas também se tornem mais estruturadas e que ofereçam serviços ligados ao lazer, influenciando diretamente no bem estar físico e mental das pessoas, lugares assim deveriam ser considerados quase “sagrados” devido ao seu alto poder de bem estar gerado.

Podemos também falar do direito ao lazer na cidade de nosso tempo, no sentido de que ela própria, para além das opções de entretenimento que possa abrigar e oferecer a seus moradores, é em si mesma um grande equipamento de lazer e, não obstante seus problemas e desigualdades, é objeto de disputas, controvérsias. (MAGNANI, 2015 p.17)

Através das entrevistas realizadas fica evidente que os frequentadores da praça advém de diversos bairros da cidade, em especial nos fins de semana e momentos de festa, mostrando assim que as pessoas moradoras dos bairros periféricos da cidade também acessam os atrativos do centro. Isso é de suma importância para a harmonia de uma cidade, evitando ao máximo a segregação. Este movimento deve ser influenciado, porém além desse acesso, os bairros de periferia também devem ser assistidos com equipamentos e espaços para a realização do lazer.

Mas num país periférico como o Brasil, a grande maioria da população não possui condições financeiras de desfrutar de espaços de lazer pagos. Dessa maneira, o poder público, através de políticas de lazer, deve criar novos equipamentos e espaços e revitalizar os antigos. Dessa forma, a população em geral poderá ter maior disponibilidade de acesso às atividades de lazer, tendo garantido assim, o seu direito constitucional (MARCELLINO, 2006, p. 78)

Para que exista a democratização do lazer é necessário que antes seja realizada a democratização do lugar, do espaço para que essa ação aconteça, como bem lembra Marcellino (2006). Além de um tempo assegurado para essas atividades, é necessário um espaço para que isso aconteça, além de uma política de inserção e fomento dessas atividades no cotidiano das pessoas, priorizando as áreas da cidade onde este serviço é mais escasso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de lazer necessitam ser reconhecidas como um legítimo direito social, e que existam iniciativas governamentais pensadas como políticas públicas voltadas para assegurar este direito, bem como o incentivo e criação de espaços voltados para a realização destas práticas. O incentivo recebido pela praça do mercado tanto do setor municipal como de seus frequentadores foi uma condição básica para observar estas práticas de lazer de forma mais intensa e diversificada. Outra constatação que tive foi de entender o espaço da praça como um símbolo para a busca do lazer e da sociabilidade no imaginário nativo. Desta forma, o exercício da sociabilidade se configura como a própria manifestação do lazer encarnado neste espaço.

Através da revisão bibliográfica e também das observações realizadas em campo constatei que as categorias do ócio, lazer e tempo livre são de certo modo reativas ao conceito de trabalho, tendo este como conceito interdependente. Essas categorias apresentam variações de acordo com o lugar em que são aplicadas e exercidas, não se manifestando enquanto conceitos rígidos, desta forma foi possível observar na praça de Diamantina que essas categorias são negociadas a todo instante, exprimindo certa fluidez e simbiose, de acordo com cada caso. É praticamente impossível abordar algum desses conceitos sem pensar ou refletir sobre a esfera do trabalho, e a pesquisa de campo possibilitou a confirmação disto.

Foi interessante perceber também minha própria relação de pesquisador estando em campo em um ambiente que propicia a busca do lazer, eu também era um dos trabalhadores que estavam ali naquele momento, misturando assim essas duas esferas na prática. Em momentos de maior movimento na praça foi um grande desafio conciliar as diversas ações provenientes da pesquisa com os diversos estímulos que o lugar emanava.

Como sugestões para trabalhos futuros, penso em avaliar outras praças da cidade no intuito de estabelecer um paralelo com a Praça do Mercado, como por exemplo a Praça do Largo Dom João, que passou por uma reforma recentemente, apresentado um visual mais moderno (amplas áreas planas) mas inserido em uma tradicional região da cidade, próxima a antiga estação ferroviária. Penso em ir além

em realizar o mesmo estudo em outra praça, de outra cidade, em outra região ou estado ou país, buscando semelhanças e diferenças entre as observações e as respostas dos entrevistados. Penso também em alguma forma de mapear os grupos que frequentam as praças, na tentativa de me aprofundar na categoria de pedaço.

Enfim, desejo que essa pesquisa contribua para as discussões sobre os temas abordados em contextos não-hegemônicos, que possamos ter mais produções sobre o tempo livre e o lazer em contextos latino-americanos, indígenas, periféricos, dentre outros.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa : Difusão Editorial, 1992.

FIGUEIREDO, Lorena da Silva; FREITAS, Gabriela Pereira de. **O Lugar de encontro nas praças públicas do Distrito Federal: As intervenções artísticas pelos afetos**. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 22, n. 56, p. 133-151, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Os recursos para o bom adestramento**. In: *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer: Necessidade humana e dimensão da cultura**. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, Christianne Luce. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004

GOMES, C. L.; ELIZALDE, R. **Horizontes latino-americanos do lazer/Horizontes latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 343 p.

LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça**. Brasil: Rocket Edition, 1999. *E-book*.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.17. n.49, junho de 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole." In: _____ & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. EDUSP, São Paulo, 1996.

MAGNANI, J. G. C. "O direito social ao lazer na cidade do nosso tempo". In: GOMES, C. L.; ISAYAMA, H. F. (orgs.) **O Direito Social ao Lazer no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015, p. 07-22.

MARCELLINO, Nelson C. O lazer e os espaços na cidade. In: ISAYAMA, Hélder F.; LINHALES, Meily A. (Org.). **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 65-92.

MARTINS, M. L. **O comércio de "gêneros do país" no Mercado de Diamantina, Minas Gerais: décadas de 1880 a 1930**. *Locus (UFJF)*, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 157-173, 2010.

Memorial do Tropeiro e do Ferreiro de Diamantina: cartilha informativa / Organizadoras: Raquel Scalco, Maria Claudia Magnani, Camila Heleno, Beatriz Carolina Pimentel. - 2.ed - Diamantina: UFVJM, 2021, 29p.

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito.** Campinas: Alínea, 2000.

ROLNIK, Raquel. **O lazer humaniza o espaço urbano.** In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000

RUSSELL, Bertrand. **O Elogio ao Ócio.** Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

SANTOS, Joaquim F. **Memórias do Distrito Diamantino.** Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

SOUZA, Rafael Oliveira de; OLIVEIRA, Carlos Edinei de. **A Praça como lugar da diversidade cultural.** Barra de Bugres, 2010.

TURINO, Célio. **Na trilha de Macunáima:** ócio e trabalho na cidade. São Paulo: Editora Senac, 2005.

WEBER, Florence. **Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções.** Rio de Janeiro : Garamond, 2009.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.